



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE CENTRO DE
HUMANIDADES UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

TAÍZA NUNES DOS SANTOS LIMA

**“CADA PLANTA TEM UM CABOCLO, CADA CABOCLO TEM UMA
PLANTA”**: Etnocartografia sobre as práticas de saúde do povo indígena Tabajara
do litoral Sul da Paraíba

Campina Grande - PB

2023

TAÍZA NUNES DOS SANTOS LIMA

“CADA PLANTA TEM UM CABOCLO, CADA CABOCLO TEM UMA PLANTA”:

Etnocartografia sobre as práticas de saúde do povo indígena Tabajara do litoral sul da Paraíba

Dissertação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, pertencente à linha de pesquisa cultura e identidade, e área de concentração em Antropologia, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Ronaldo Laurentino de Sales Júnior

Co-orientadora: Maria da Conceição Mariano
Cardoso Van Oosterhout

Campina Grande - PB

2023

- L732c Lima, Taíza Nunes dos Santos.
“Cada planta tem um caboclo, cada caboclo tem uma planta”: (etnografias sobre as práticas de saúde do povo indígena Tabajara do litoral Sul da Paraíba) / Taíza Nunes dos Santos Lima. – Campina Grande, 2024.
133 f. : il. color.
- Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação: Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior, Profa. Dra. Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout".
Referências.
1. Antropologia. 2. Saúde Indígena. 3. Povo Tabajara da Paraíba – Território. 4. Saúde e Cultura. 5. Etnicidade. 6. Plantas Medicinais. 7. Mulheres Indígenas. I. Sales Júnior, Ronaldo Laurentino de. II. Oosterhout, Maria da Conceição Mariano Cardoso van. III. Título.
- CDU 572(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

ATA DA DEFESA PARA CONCESSÃO DO GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS, REALIZADA EM
30 DE MARÇO DE 2023

CANDIDATA: **Taíza Nunes dos Santos Lima**. COMISSÃO EXAMINADORA: Ronaldo Laurentino de Sales Júnior, Doutor, PPGCS/UFCG, Presidente da Comissão e Orientador; Maria da Conceição Mariano Cardoso van Oosterhout, Doutora, UACS/UFCG, Coorientadora; Rodrigo de Azeredo Grünewald, Doutor, PPGCS/UFCG, Examinador Interno; Estêvão Martins Palitot, Doutor, PPGA/UFPB, Examinador Externo. TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: *"CADA PLANTA TEM UM CABOCLO, CADA CABOCLO TEM UMA PLANTA": etnografias sobre as práticas de saúde do povo indígena Tabajara do litoral Sul da Paraíba*. ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Sociologia. HORA DE INÍCIO: 10:00h – LOCAL: Sala Virtual (Google Meet). Em sessão pública, após exposição de cerca de 45 minutos, a candidata foi arguida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo demonstrado suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema de sua dissertação, obtendo conceito APROVADA. Face à aprovação, declarao presidente da Comissão achar-se a examinada legalmente habilitada a receber o Grau de Mestre em Ciências Sociais, cabendo a Universidade Federal de Campina Grande, como de direito, providenciar a expedição do Diploma, a que a mesma faz jus. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ata, que é assinada por mim, RINALDO RODRIGUES DA SILVA, e os membros da Comissão Examinadora. Campina Grande, 30 de março de 2023.

Recomendações:

RINALDO RODRIGUES DA SILVA

Secretário Acadêmico

RONALDO LAURENTINO DE SALES JÚNIOR, Doutor, PPGCS/UFCG

Presidente da Comissão e Orientador

MARIA DA CONCEIÇÃO MARIANO CARDOSO VAN OOSTERHOUT

Coorientadora

RODRIGO DE AZEREDO GRÜNEWALD, Doutor, PPGCS/UFCG

Examinador Interno

ESTÊVÃO MARTINS PALITOT, Doutor, PPGA/UFPB

Examinador Externo

TAÍZA NUNES DOS SANTOS LIMA

Candidata

2 - APROVAÇÃO

2.1. Segue a presente Ata de Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata **TAÍZA NUNES DOS SANTOS LIMA**, assinada eletronicamente pela Comissão Examinadora acima identificada.

2.2. No caso de examinadores externos que não possuam credenciamento de usuário externo ativo no SEI, para igual assinatura eletrônica, os examinadores internos signatários certificam que os examinadores externos acima identificados participaram da defesa da dissertação e tomaram conhecimento do teor deste documento.



Documento assinado eletronicamente por **Estêvão Martins Palitot, Usuário Externo**, em 30/03/2023, às 17:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RODRIGO DE AZEREDO GRUNEWALD, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 30/03/2023, às 17:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Taíza Nunes dos Santos Lima, Usuário Externo**, em 30/03/2023, às 18:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RONALDO LAURENTINO DE SALES JUNIOR, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 31/03/2023, às 10:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RINALDO RODRIGUES DA SILVA, SECRETÁRIO (A)**, em 31/03/2023, às 14:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA DA CONCEICAO MARIANO CARDOSO VAN OOSTERHOUT, PROFESSOR 3 GRAU**, em 31/03/2023, às 15:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3262510** e o código CRC **7E5EABD5**.

**“CADA PLANTA TEM UM CABOCLO, CADA CABOCLO TEM UMA
PLANTA”:**

**Etnocartografia sobre as práticas de saúde do povo indígena Tabajara do litoral
Sul da Paraíba**

Taíza Nunes dos Santos Lima

Banca Examinadora

Ronaldo Laurentino de Sales Júnior

Orientador

Maria da Conceição Mariano Cardoso Van Oosterhout

Co-orientadora

Rodrigo de Azeredo Grünewald (PPGCS/UFCG)

Examinador interno

Estêvão Martins Palitot (PPGA/UFPB)

Examinador externo

CAMPINA GRANDE - PB

2023

Dedico ao grande espírito, e aquelas (o) que se aprofundam nas raízes de sua história e reconhecem a força e a ciência dos conhecimentos ancestrais.

Para todas (o) que mesmo diante das tramas da colonização, se mantêm em luta, resistindo em honra aos antepassados, que por vezes tombaram, sustentando nosso céu.

A todos que caçam suas forças, pelo encantado e tecem a grande teia do mistério da existência.

Um salve para, as que correm atrás do amanhã e dodepois, mantendo os olhos acesos até na escuridão, e que aprendem assim como eu, a dançar no caos.

Isso não tem fim.

Acendo a lembrança, andando e conhecendo meu chão.

Me mantenho viva dançando no furacão.

Considero aqui que as insubmissões e insurgências, fazem parte do processo de corporificação da luta pela terra, e que são, também caminhos de cura, para quem, assim como eu e meu povo sofreu e sofre com as violências da modernidade-colonialidade, principalmente com a distribuição desigual da terra e seus recursos naturais. À insubordinação do apagamento dos conhecimentos relacionados com a medicina indígena de cura, memória antiga viva.

AGRADECIMENTOS

Gostaria inicialmente de agradecer a todas as forças divinas, geradoras e criadoras da vida. A força da natureza que sempre me guia, e me une aos encantados que me sustentam. Ao chão da serra do Pico, que me criou e alimentou minhas rezas apressadas e aliviou meus aperreios aflitos.

À minha mãe Damiana Nunes, a minha vizinha Maria do Socorro (Liinha), ao meu avô Antônio Nunes (in memorian), pela oportunidade de existir e por me ensinarem a ser cada dia mais forte e resistente como tronco de jurema, independente da situação que se apresente.

Agradeço a toda minha família, meus tios e tias, primos e parentes, em especial a minha irmã Thalia, ao meu irmão Alisson, minha sobrinha Heloísa, por todo amor que me emana cotidianamente, superar os dias difíceis durante esse processo, só foi possível pelos abraços, pela presença, pela companhia e pelas palavras doces que vocês me trazem. O nosso amor e nossa união me confortam diante da aspereza da vida. Agradeço as forças que me incentivaram, desde a minha infância, em direção ao caminho do conhecimento.

Agradeço a todo povo Tabajara pelos saberes, afetos e conhecimentos compartilhados.

Agradeço a todas as lideranças indígenas, sobretudo as mulheres Tabajara, em especial ao grupo de mulheres Moara, à Simone (Iraê Tabajara), Janiara, Érica, Vó Maria, Potira, D. Kina, Nena, por serem mulheres fortes e de garra, vocês são inspiradoras. Juntas, consolidamos muita força de articulação e organização nesse grupo de mulheres guerreiras.

Agradeço também em especial ao meu companheiro Juscelino Tabajara, pela sua cumplicidade, parceria e conhecimentos compartilhados. A luz do teu coração ilumina meu cotidiano. Raíz forte, que sustenta e fortalece a cultura de seu povo.

Agradeço imensamente também ao Pajé Biu Tabajara e ao cacique Carlos Tabajara, pelas longas horas de conversas e reflexões sobre os diversos remédios da mata, sobre espiritualidade, sobre como ser forte e estratégico na luta pela terra e sobre os

diversos saberes que foram aprendidos com seus antepassados e com os mais velhos, a exemplo, Piaba, que já se encantou e que aqui também gostaria de saudar.

Agradeço ao meu orientador, Ronaldo Laurentino de Sales Júnior, e à minha co-orientadora Maria da Conceição Mariano Cardoso Van Oosterhout, que aceitaram me acompanhar nesse intenso processo, agradeço pela compreensão e apoio na condução desse trabalho de pesquisa.

À banca examinadora composta por Rodrigo de Azeredo Grunewald e Estêvão Martins Palitot, por serem referência no campo dos estudos antropológicos e étnicos. Todo meu respeito e admiração a vocês.

Agradeço aos colegas da turma de mestrado de 2019, pelas discussões em sala, aventuras e sorrisos compartilhados, nossas vivências afetivas foram essenciais para trazer leveza pros dias exaustivos.

À CAPES pelo apoio financeiro em forma de bolsa de mestrado, para a realização do trabalho de campo, sem o qual não teria sido possível a realização desta pesquisa.

Enfim agradeço a todas as forças e pessoas visíveis e invisíveis que somaram forças junto a mim em todo os momentos e ciclos da minha jornada acadêmica até aqui.

“CADA PLANTA TEM UM CABOCLO, CADA CABOCLO TEM UMA PLANTA”:

Etnocartografia sobre as práticas de saúde do povo indígena Tabajara do litoral Sul da Paraíba

Resumo

Esse trabalho aborda a relação que o povo Tabajara estabelece com as plantas como parte do itinerário de cuidados com a saúde, evidenciando o protagonismo do grupo de mulheres indígenas Moara, da aldeia Barra de Gramame, no processo de produção dos remédios naturais, como garrafadas, lambedores, pomadas medicinais. junto a isso trago aqui também o levantamento das 80 principais plantas medicinais utilizadas pelo povo Tabajara em seu território sagrado.

Portanto, nosso objetivo é evidenciar aqui, quais as principais plantas utilizadas como remédio, e as múltiplas esferas e dimensões envolvidas no processo de estabelecimento da saúde, na aldeia Barra de Gramame, com enfoque no grupo de mulheres Moara. Com seus eventuais desdobramentos em termos de significados, narrativas, singularidades e saberes específicos fincados na tradição oral, a partir das práticas e saberes locais, que estão em constante processo de fazer-se. Pois participa da múltipla esfera do cotidiano do povo Tabajara. Criando e pondo em circulação significados e estratégias de sobrevivência e transmissão de seus fazeres e saberes, que continuamente produzem e elaboram valores, narrativas e modos de vida.

Dessa dissertação também resulta um documentário em formato de curta-metragem. O curta é intitulado “Moara - A cura vem da mata”. Esse material apresenta a partir da perspectiva audiovisual o ritual de preparo de lambedores, feito pelas mulheres da aldeia Barra de Gramame.

Metodologicamente esse estudo se fundamenta na pesquisa participante, com abordagem etnográfica, com aplicação das técnicas de observação participante, escrita do

caderno de campo, entrevistas, diálogos e vivências. Tendo como fontes de informação entrevistas, documentos, revisão bibliográfica, gravação de material audiovisual.

Palavras-chave: Povo Tabajara da Paraíba, saúde, cultura, etnicidade, plantas medicinais, mulheres indígenas, território.

Abstract

I intend here to discuss the relationship that the Tabajara people establish with plants as part of the health care itinerary, and the possible health care arrangements within the Tabajara indigenous territory.

This dissertation consists in highlighting the multiple spheres and dimensions involved in the process of establishing health, reflecting on how the agencies of local health care work, based on the cosmovision of the Tabajara people and their eventual unfolding in terms of meanings, narratives, organization political and social, singularities and specific knowledge rooted in tradition, which are daily given and re-signified based on local practices and knowledge, which are always in the process of being made. Creating and putting into circulation powerful meanings and strategies for survival and transmission of their actions and knowledge, which continually produce and elaborate values, narratives and ways of life. This dissertation also results in an audiovisual documentary about the group of indigenous women, MOARA, from the Barra de Gramame village.

Keywords: Povo Tabajara da Paraíba, saúde, cultura, etnicidade, plantas medicinais, mulheres indígenas, território.

LISTA DE IMAGENS

Fotografia 1 - Localização ilustrativa das Aldeias Barra de Gramame e Vitória

Fotografia 2 - Oca da aldeia Barra de Gramame

Fotografia 3 - Iraê Tabajara liderança das mulheres indígenas Moara, falando sobre a trajetória do grupo Moara, durante o encontro de saberes indígenas da Paraíba na TI Potiguara - Aldeia do forte

Fotografia 4 - Oficina de prática de grafismo indígena em tecido, na aldeia Barra de Gramame

Fotografia 5 - Oficina de prática de grafismo indígena em tecido, na aldeia Barra de Gramame

Fotografia 6 - Ritual de toré das mulheres indígenas MOARA na ilha grande da aldeia Barra de Gramame

Fotografia 7 - Garrafadas medicinais

Fotografia 8 - Farmácia viva - Aldeia Barra de Gramame

Fotografia 9 - Atendimento médico, realizado pela SESAI na aldeia Barra de Gramame

Fotografia 10 - Cacique Carlinhos e Cacique Ednaldo Tabajara na VI conferência nacional de saúde indígena (CNSI) em Brasília-DF.

Fotografia 11 - Ida à mata para retirada de casca de árvores e plantas para o feitiço de garrafadas

Fotografia 12 - Plantio de ervas medicinais na farmácia viva das moara

Fotografia 13 - Plantio de ervas medicinais na farmácia viva das moara

Fotografia 14 - Preparo da tinta de jenipapo para pintura corporal

Fotografia 15 - Pajé Biu Tabajara moendo o fruto do jenipapo, para extrair a tinta para pintura corporal

Fotografia 16 - Material utilizado para produção de sabonetes medicinais, aldeia Barra de Gramame

Fotografia 17 - Produção de lambedores medicinal feito pelas mulheres indígenas Moara

Fotografia 18 - Preparo de lambedor de alcançúz, cupim, cadeiro, acerola, hortelã

Fotografia 19 - Raspa de cabatã do rego

Fotografia 20 - Preparo de banho de colônia, indicado para gripe e fortalecimento da imunidade, limpar o corpo das energias negativas

Fotografia 21 - Algumas das ervas utilizadas na medicina tradicional Tabajara.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIS - Agente indígena de saúde

ASB - Auxiliar de Saúde Bucal

APA - Área de proteção ambiental

APOINME - Articulação dos povos e organizações indígenas do Nordeste Minas Gerais e Espírito Santo

APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil

CONDISI - Conselho distrital de saúde indígena

CNSI - Conferência Nacional de Saúde Indígena

DSEI - Distrito Sanitário Especial Indígena

FUNAI - Fundação Nacional do Índio

GT - Grupo Técnico

UBS - Unidade básica de saúde

NASI - Núcleo de apoio à Saúde Indígena

OMS - Organização Mundial da saúde

SESAI - Secretaria Especial de Saúde Indígena

SUS - Sistema único de saúde

SIASI - Sistema de informação da atenção à saúde indígena

TI - Terra Indígena

UFMG - Universidade Federal de Campina Grande

UOM - Unidade de odontologia Móvel

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAMINHO METODOLÓGICO	14
PESQUISAR EM MEIO A UMA PANDEMIA	23
CAPÍTULO. 1 - POVO TABAJARA DA PARAÍBA	29
1.1 ALDEIA BARRA DE GRAMAME	43
1.2 GRUPO DE MULHERES MOARA - PROTAGONISMO DAS MULHERES TABAJARA	45
1.4 FARMÁCIA VIVA	56
CAPÍTULO 2 - SAÚDE INDÍGENA: LUTA, POLÍTICA E PRÁTICAS	61
2.2 PRÁTICAS E SABERES DA MEDICINA TRADICIONAL TABAJARA	66
CAPÍTULO 3 - TERRITÓRIO INDÍGENA LUGAR DE PRODUÇÃO E TRANSMISSÃO DE SABERES	71
3.1 TORÉ TABAJARA	82
CAPÍTULO 4. USO DAS PLANTAS E DA FAUNA NA MEDICINA TRADICIONAL TABAJARA	89
4.1 ETNOBOTÂNICA - PLANTAS COMO RECURSO TERAPÊUTICO	94
4.2 AS PRINCIPAIS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS DENTRO DO TERRITÓRIO TABAJARA E SUAS FINALIDADES DE USO NOS PROCESSOS CURATIVOS	100
4.3 PRINCIPAIS INDICAÇÕES	112
4.4 FORMAS DE UTILIZAÇÃO	113
4.5 I ENCONTRO DE MEDICINA TRADICIONAL INDÍGENA TABAJARA	119
REFLEXÕES CONCLUSIVAS	123
REFERÊNCIAS	127
REFERÊNCIAS DE MATERIAIS AUDIOVISUAIS	131

INTRODUÇÃO

Essa dissertação corresponde a um processo em ação contínua. O que resulta dela são novos processos que dialogam com saberes. Pois se trata de um estudo gerado em um contexto dinâmico que se constrói e se modifica a partir de demandas coletivas. Nesse espaço coletivo, a pesquisa vincula-se a um território de amplo conhecimento, onde faço uso ativo, pois também moro na aldeia Barra de Gramame e componho o grupo de mulheres MOARA, me somando à luta pela demarcação e preservação desse território junto aos meus parentes Tabajara. Aqui são levantadas questões referentes à etnicidade, saberes e cuidados com a saúde a partir do uso das plantas medicinais.

Nosso objetivo é evidenciar quais as principais plantas utilizadas nos cuidados à saúde local, na cosmovisão do povo Tabajara¹, apresentando o grupo de mulheres Moara como protagonista no processo de manutenção da saúde local a partir de práticas de saberes tradicionais.

Nesse sentido, nossa preocupação foi dar atenção ao contexto tão dinâmico da vida social no território que nos fornece elementos importantes, como o reconhecimento étnico sobre o processo histórico e jurídico de reivindicação do povo Tabajara, com ênfase no seu direito pelo território de origem, perpassando pela história de luta do povo Tabajara na Paraíba, seus modos de produção de cuidados e estabelecimento da saúde e usos das plantas no seu território.

Essa pesquisa foi realizada especificamente no território Tabajara, município do Conde, antiga Jacoca, litoral Sul da Paraíba, na Aldeia Barra de Gramame, onde se iniciou o movimento de luta pela reivindicação étnica e territorial do povo Tabajara, em 2005.

O que motivou esse estudo foi o fato do povo Tabajara estar em processo de reivindicação pela demarcação de seu território, no estado da Paraíba. Portanto, um estudo sobre a medicina tradicional Tabajara é uma contribuição consistente para justificar a ocupação tradicional nesse espaço territorial ou seja o uso prático do cotidiano. Pois

¹ Cosmovisão corresponde à maneira como o povo tabajara pensa e se relaciona com os usos das plantas medicinais ou seja está relacionado com o imaginário e as concepções particulares relacionadas com a medicina tradicional Tabajara.

conforme o artigo 231 e 232 da constituição federal, uma ocupação tradicional indígena pode ser caracterizada pelos os usos, costumes e tradições. A medicina tradicional se configura como parte desse processo.

CAMINHO METODOLÓGICO

Metodologicamente a pesquisa se fundamentou nas oficinas proporcionadas pelo grupo de mulheres indígenas Moara, pelas reuniões realizadas no último domingo do mês na oca central da aldeia Barra de Gramame, onde indígenas Tabajara que moram dentro e fora da aldeia podem se reunir, pautando questões referentes à organização política, da luta pela reivindicação do território, se confraternizam entre si, proporcionando trocas de conhecimentos. Se fundamentou também nas conversas informais, entrevistas, convivência, movimentos de mobilização social e reivindicação de direitos e reuniões com as lideranças e pessoas da comunidade, eventos e encontros dentro do território Tabajara. Durante as conversas variados assuntos e saberes são expressados.

Utilizei da abordagem etnográfica, com aplicação das técnicas de observação participante, escrita do caderno de campo, entrevistas, diálogos e vivências. Portanto iniciei a pesquisa na aldeia Barra de Gramame, no litoral sul da Paraíba, no município do Conde, inicialmente nos meses de outubro, novembro (2019), janeiro e fevereiro (2020), escrita etnográfica no caderno de campo e visitas aos espaços de mata da aldeia Barra de Gramame. Os encontros iniciais proporcionam o diálogo explicativo e informacional sobre a pesquisa com as lideranças da aldeia, presenciar momentos do cotidiano, atividades e práticas desenvolvidas pelos Tabajara, com foco observativo nos rituais de toré, vivências de ida ao mangue e à mata, reuniões. A partir de conversas informais, foi possível levantar algumas informações pertinentes aos usos das plantas medicinais, assim como a viabilização da pesquisa, com o aval do cacique Carlinhos Tabajara.

Durante a pesquisa, além da observação participante, entre outubro de 2019 e março de 2020, e durante o período da realização da etnografia, foram realizadas 11 entrevistas com lideranças e indígenas Tabajara da aldeia Barra de Gramame.

Os dados obtidos a partir dessas entrevistas, foram produzidos a partir de entrevistas abertas, semi-estruturadas e conversas informais, as perguntas das entrevistas

giraram em torno das seguintes temáticas: Quando se adoce qual os principais recursos a serem acionados? Com qual frequência há o uso das plantas? Quais as principais plantas utilizadas, onde são colhidas, de que maneira, como, quando e com quem os conhecimentos relacionados a essas plantas foram apreendidos, qual a principal maneira de utilizar as plantas, sobre a importância e representatividade da luta pelo território sagrado, qual a importância da luta pelo acesso a políticas públicas diferenciadas para saúde e as conquistas já obtidas.

No início do estudo, participei de maneira observativa e participativa das reuniões do grupo de mulheres MOARA, que acontece quinzenalmente na *oca central* da aldeia Barra de Gramame, reunindo mulheres que moram na aldeia e também fora. Os acessos para realização de captação de informações para a pesquisa, foram intercaladas com a realização de leituras e discussões em sala de aula e fora dela, ao longo do curso das disciplinas do mestrado. O meu convívio direto com o grupo de mulheres, nas mais diversas atividades cotidianas, me auxiliou a elaborar o caminho etnográfico para realização desse estudo. Buscando participar, observar, escrever, procurando aguçar o olhar etnográfico, como descreve João Pacheco de Oliveira Filho, no *O ofício do etnógrafo*:

O olhar etnográfico, descrevendo as diferenças e a variação do Outro, é solidário com um certo afastamento e esquecimento do “Eu”. “A vontade sistemática de identificação com o Outro caminha lado a lado com uma recusa obstinada da identificação consigo mesmo”, nos diz Lévi-Strauss, retomando lição de Jean-Jacques Rousseau, que, com a recomendação de aprender a dirigir para longe o olhar, forneceu um emblema ético e afetivo para a aventura etnográfica e para todos os que optaram por nela embarcar. (OLIVEIRA FILHO, 1999, p. 214).

A presença nessas reuniões foram importantes pois ocasionaram a oportunidade de ouvir muitas falas e observar as práticas relevantes para a pesquisa que pude registrar graças à escrita minuciosa do caderno de campo, onde busquei descrever o fluxo de algumas atividades práticas, e relatar alguns diálogos informais. E assim fui compondo a coleta do material audiovisual que compõem o curta-metragem, produzido a partir dessa pesquisa e também fui construindo o acervo de imagens, utilizando assim a fotografia e as filmagens audiovisuais, como fonte e como instrumento de pesquisa. Acionando assim um fértil plano de experimentações metodológicas e método de pesquisa, concentradas

em uma cartografia afetiva, visual, temporal e espacial do contexto pesquisado e vivenciado, buscando apurar e captar as atuações, intensidades, práticas, crenças, modalidades e devires (DELEUZE E GUATTARI, 1995) próprios da produção da vida indígena. Por exemplo, as imagens do grupo de mulheres reunidas, da “farmácia viva” que é cultivada na aldeia, do toré, da ida à mata para coletar plantas medicinais para preparar garrafadas, lambedores, sabonetes. Essas imagens compõem elementos que integram momentos relacionados com os itinerários de cuidados à saúde.

Essas captações e afetações, possibilitam o fluir de reflexões relacionadas com pertencimento, memória, imagem, emoção, imaginário, etnicidade, imaginação, identidade, território, preservação e dinâmicas de interação social múltiplas.

Recorremos ao uso da fotografia e captação audiovisual, como uma fonte não apenas ilustrativa, mas como parte informativa do contexto descrito, permitindo acesso a narrativas visuais, compondo uma grafia das atividades cotidianas desenvolvidas na aldeia, que auxilia o mapeamento do campo, aproxima os detalhes contados, vivenciados e sentidos. Assim sendo a fotografia e a captação audiovisual, configuram-se como um importante dado etnográfico no processo da coleta dos dados etnográficos.

Sendo a fotografia acionada como um aprendizado de observação paciente, de elaboração minuciosa de diferentes estratégias de aproximação com o que é observado. Levando ao desenvolvimento de uma percepção seletiva, de uma vigilância constante e de prontidão para captar o acontecimento no momento do acontecimento. A dupla capacidade da câmara de subjetivar e objetivar a realidade, a constante consciência de que se é o responsável por este processo, por uma técnica de apreensão da realidade, de que se é sujeito deste conhecimento, é um ensinamento epistemológico.

[...] O ato de fotografar nos traz uma noção de posse de realidade e, ao mesmo tempo, a certeza da impossibilidade desta posse, de sua fragmentação e necessidade de reconstrução e processo de revelação dessa realidade. A nossa relação com o objeto é sempre uma relação de conhecimento e de poder onde um capta e o outro é captado.

Fotografar é um cultivo didático do prazer da percepção do detalhe e do todo, que passa ou não pela técnica da objetiva, da grande-angular, do enfocar e desfocar, dos diferentes tons possíveis na impressão e, enfim, da revelação da imagem – que não é mais a coisa fotografada (mas sempre plena de vestígios do real): a realidade revelada. Na fotografia, como no processo de conhecimento, e insisto no paralelo, a realidade só se torna objeto como coisa pensada. (LEAL, 1983, p. 18).

Nessa perspectiva a utilização do material audiovisual produzido, funciona como aporte de pesquisa. Sendo um dos principais frutos dessa pesquisa, a produção de um curta-metragem intitulado “*MOARA - A cura vem da mata*” que evidencia uma mistura de linguagens visuais, sonoras e escritas para esse trabalho, possibilitando uma hipertextualidade aplicada ao campo de pesquisa. É uma maneira de dinamizar a aplicação metodológica e incorporar esquemas enunciativos da antropologia visual, que funciona como um dispositivo metodológico, que põe em movimento memórias coletivas, imagens, patrimônio de saberes e narrativas. Produzindo assim uma narrativa etnográfica em hipertexto, um agenciamento semiótico que mobiliza as redes digitais a partir da ferramenta do audiovisual (Hiperlink do documentário “Moara -A cura vem da mata”

<https://drive.google.com/file/d/1MdORTnay6eqhAaseBwssYiGDUBwttP9k/view>).

Para mim a participação ativa do grupo pesquisado é fundamental, e é minha intenção que o produto final dessa pesquisa, assim como os resultados e as informações obtidas, possam contribuir para compor o itinerário histórico do grupo de mulheres MOARA e do povo Tabajara da aldeia Barra de Gramame.

Sobre o método cartográfico aqui utilizado, este funciona como mapeamento das interações, relações sociais, processos de subjetivação, linhas de encontro do grupo de mulheres, a utilização das plantas medicinais ou acesso aos medicamentos fornecidos pelo SUS. Esse método aqui possibilita construir um olhar voltado para as interações de saúde.

Esse método foi conceitualmente descrito no volume 1 de mil platôs por Gilles Deleuze e Félix Guattari, nos anos 1960.

Nesta perspectiva, a cartografia é um modo de mapear a realidade, de acompanhar processos de produção, de possibilitar o acompanhamento de movimentos e intensidades dos sujeitos que compõem a complexa produção de cuidados em saúde. O procedimento de cartografar aqui proposto, baseado nos princípios da esquizoanálise, possibilita o mapeamento de paisagens psicossociais, o mergulho na geografia dos afetos, dos movimentos, das intensidades. (MARTINES, MACHADO, COLVERO. P.203)

A cartografia segue realizando a descrição cuidadosa do lugar que vive em transformação. Para tanto, utilizo o diário de campo. Registrando conversas como

mecanismos que foram agenciados no fazer da trajetória de pesquisa. São ferramentas de afetação, que envolvem uma articulação e ligação de linguagens entre o mundo e os seres interlocutores da pesquisa. São possibilidades metodológicas que captam a experimentação. Evidenciando os entrelaçamentos e vínculos entre as pessoas, e o caráter emancipatório da pesquisa. Desdobramentos e aberturas necessárias, graças à experiência e interação com campo e entre os interlocutores.

No processo de pesquisa, a etnografica ocupa uma dimensão metodológica que visa construir um mapa (nunca acabado) do objeto de estudo, a partir do olhar atento das percepções e observações do pesquisador, que são únicas e particulares, que serão cruzadas com a memória do investigador.” (ROSÁRIO, 2008, p. 207). Portanto percebe-se que há dois pressupostos fundantes da cartografia: a multiplicidade e a subjetividade, evidenciando a contraposição a modelos metodológicos rígidos, fixos. A subjetividade tem um papel fundamental na elaboração dessa pesquisa, pois atravessa os processos de constituição, interpretação e percepção da cosmovisão nativa do povo Tabajara em relação aos percursos de agenciamento da saúde local.

A cartografia surge como um modo de acompanhar percursos, de implicar processos de produção, de perceber as conexões de redes ou rizomas, de possibilitar o acompanhamento de movimentos e a construção de mapas. As entradas de uma cartografia são múltiplas, pois o rizoma não tem um centro de organização, é um sistema acêntrico. (MARTINES, MACHADO, COLVERO. P 206).

Rolnik (1989) acredita que a cartografia é um método que permite, a partir desse mapa, “detectar a paisagem, seus acidentes, suas mutações e, ao mesmo tempo, criar vias de passagem através deles” (p. 6). Por isso, é fundamental compreender que esse mapa mutável é afetado por paisagens psicossociais e que o cartógrafo é um pesquisador como corpo vibrátil, ou seja, que pode ser afetado pelas sensibilidades coletivas e pelos movimentos sociais (ROLNIK, 1989; 2006). Cartografar é a tarefa de dar língua para afetos que pedem passagem, de mergulhar nas intensidades. (MARTINES, MACHADO, COLVERO. P. 206). Nesse sentido, a cartografia (sendo um mapa em constante atualização) pode revelar diferentes cenários sociais, trocas simbólicas ou mesmo textos comunicacionais, não podendo, assim, seguir protocolos normalizados previamente, uma vez que cada paisagem é única. “Como se propõe à criação/invenção, a cartografia

encaminha-se sempre para a produção da diferença e para uma nova maneira de adquirir conhecimento” (ROSÁRIO, 2008, p. 210).

Utilizei a observação participante como método que me serviu para observar a comunidade. A proposta é destacar o que circula de maneira implícita cotidianamente na aldeia, colocando em relevância o "saber - fazer" que está enraizado nessas atividades práticas que evidenciam o conhecimento tradicional e fortalecem a identidade étnica do povo Tabajara. Ou seja, o método reverencia o saber tradicional, o valoriza antes de tudo e o coloca como "eixo" sobre o qual serão desenvolvidas atividades secundárias.

Entendemos o método etnográfico, não nos termos de uma etnografia clássica da antropologia, assim como no trabalho de MALINOWSKI, (1976), dentre outros, mas no sentido de manter o esforço para "etnografar" as experiências numa forma mais próxima possível, seguindo as orientações de GEERTZ (2008): “Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário e assim por diante” (p.4).

Portanto, aqui foi utilizado a observação dos dados já captados, como fotografias, material audiovisual em vídeos, realização de entrevistas semi-estruturadas, gravações de áudio, observação das reuniões e oficinas do grupo de mulheres MOARA, consultas a materiais bibliográficos com temática relacionada ao meu trabalho. A seguir apresentamos o público que foi entrevistado, durante a pesquisa.

1.1) O público entrevistado

Os entrevistados foram pessoas conhecidas como as lideranças na aldeia Barra de Gramame. Desse modo, pudemos dialogar com as seguintes lideranças: 1) o cacique Carlos Tabajara; 2) Iraê Tabajara, liderança do grupo de mulheres MOARA; 3) D.Maria José Tabajara, anciã do povo tabajara, mãe do cacique Carlos; 4) Iraê Tabajara, liderança do grupo de mulheres Moara, 5) Janiara Tabajara, que é agente indígena de saúde (AIS), faz parte de mulheres moara; 6) Ednaldo Barbosa, que é artesão; 7) Juscelino Tabajara, liderança jovem; 8) Biu Sargento, pajé do povo tabajara; 9) Nequinho Piaba, ancião, filho de Antônio Piaba, trouxe a profecia² Tabajara; 10) Eunice Bezerra da Silva, neta de uma

² A profecia na história dos Tabajara foi narrada, por mais de quarenta anos, pelo tronco velho Antônio Piaba, conhecido como Vô Piaba, ancião bastante respeitado pelos seus sábios ensinamentos e espiritualidades. A profecia Tabajara narra que “[...] um dia virá um jovem forte, capacitado e destemido

das mulheres curandeiras, mais idosas do povo Tabajara; 11) Jéssica Freire, faz parte do grupo de mulheres Moara. Todas as pessoas aqui citadas deram consentimento de serem citadas no estudo.

Seguindo a perspectiva do antropólogo e epistemólogo da comunicação, Gregory Bateson (1982), uma epistemologia voltada para comunicação deve ser “indutiva e experimental”. Portanto, como método de experimentação, busquei observar os diálogos em relação a questões relacionadas com a perspectiva da saúde e os cuidados locais, assim como a perspectiva dos Tabajara em relação aos serviços prestados pela SESAI. Foi realizado também um levantamento bibliográfico a respeito do povo Tabajara, sua dinâmica territorial, práticas religiosas, econômicas, sociais e atuação política em busca da efetivação de seus direitos territoriais e constitucionais.

Portanto, organizamos a dissertação em 4 capítulos. Iniciando primeiro com uma introdução sobre o tema e um traçado sobre o percurso metodológico da pesquisa e como pesquisar na pandemia. Em seguida segue o primeiro capítulo, trata-se de um apanhado sobre o povo Tabajara, e a aldeia Barra de Gramame, grupo de mulheres e a farmácia viva da aldeia, iniciativa do grupo de mulheres Moara. No segundo capítulo, intitulado *Saúde indígena: luta, política e práticas*, disserto sobre a política nacional de saúde indígena, contextualizando a criação da SESAI, e o acesso tardio dos Tabajara a essa política especializada de saúde.

O terceiro sobre território indígena como espaço de produção e transmissão de saberes tradicionais, a etnobotânica e o uso das plantas como recurso terapêutico, trago ainda neste capítulo um pouco sobre a experiência de pesquisa em campo, e no quarto capítulo, trago um levantamento das 73 principais plantas medicinais utilizadas dentro do território Tabajara e suas finalidades e finalizo com reflexões sobre a pesquisa.

VIVÊNCIA PESSOAL

Gostaria de transpor, brevemente, aqui, minha intensa vivência experimentada junto ao grupo de mulheres Moara, do qual faço parte, antes e durante do processo de produção desse trabalho. No início do ano de 2018, fui diagnosticada com problemas de

assumirá a história, nossa gente e a retomada de nossa terra.” O Mito da Profecia foi o elo do movimento da ressurgência, da união dos indígenas, da reivindicação do seu território e da resignificação das tradições Tabajara. (BARCELLOS; FARIAS et al, 2014).

saúde graves e lesões pré cancerígenas no colo uterino. A princípio, o indicativo médico era a realização de procedimentos cirúrgicos para retirada das partes afetadas porque as lesões já eram profundas, a nível celular. Conforme orientação médica, se as lesões não regredissem, eu teria que fazer o tratamento com quimioterapia, isso afetaria meu organismo profundamente, comprometendo minha capacidade de um dia poder gerar uma criança.

Mesmo completamente fragilizada com tudo, o que estava acontecendo, eu decidi encarar as orientações médicas e todos os procedimentos cirúrgicos necessários, mas, também, decidi pedir orientações às pessoas mais idosas do território, que têm o forte conhecimento da medicina tradicional. Segui rigorosamente as recomendações repassadas pelas anciãs, sobre o manejo adequado com as plantas que eu deveria fazer remédio. Comecei a focar completamente nisso e, enquanto eu aguardava pela cirurgia na fila de espera do SUS, eu me tratava com remédios naturais e alimentação orgânica, que também faz parte do tratamento recomendado.

Então depois de aguardar na fila de espera do SUS, quase 1 ano e meio pela cirurgia, minha vez chegou, a primeira cirurgia aconteceu, em março de 2020. Infelizmente o procedimento cirúrgico foi mal sucedido, por negligência médica. Então procurei outro hospital e a indicação continuava sendo cirúrgica e novamente eu tive que esperar na fila de espera do SUS para uma nova cirurgia, que aconteceu em fevereiro de 2021. E nos intervalos que eu me recuperava, entre uma cirurgia e outra, as indicações de remédios naturais, com plantas medicinais iam variando, conforme a gravidade da situação, e eu sempre na esperança da cura, focava à risca, as indicações que eram sempre muito objetivas. Eu não deveria parar o tratamento médico, os remédios naturais eram complementares e não excluía o tratamento cirúrgico. Aos poucos fui compreendendo a riqueza de conhecimento e sabedoria dos mais velhos dos territórios em que eu piso. Tabajara e Cariri, mas especificamente.

Ao todo foram realizadas 3 cirurgias num período de 2 anos e meio, e, junto com as cirurgias, sempre a fé na cura. Graças à sabedoria da medicina tradicional dos meus mais velhos, e das pessoas da aldeia, com larga experiência com o uso das plantas medicinais, junto ao tratamento médico adequado, pude obter melhoras significativas. Em junho de 2021, fiz toda a bateria de exames novamente e, para nossa surpresa, a lesão

cancerígena havia regredido, apesar de ainda ser necessário uma nova cirurgia, para retirada parcial do órgão afetado, para afastar qualquer possibilidade de reincidência. Assim, em dezembro de 2021, novamente passei por um procedimento cirúrgico, dessa vez para retirada do órgão afetado. A cirurgia foi bem sucedida, e voltei para a casa, com uma sensação de que o processo de cura estava se processando com vigor.

Continuei me tratando com garrafadas produzidas junto às mulheres Moara, da aldeia, banhos de ervas, chás, lambedores, extratos. Isso me levou a aprofundar ainda mais os estudos na medicina tradicional Tabajara, observando as etapas do processo de preparação dos remédios naturais, como são chamados. Nesse ano de 2022, depois de novos exames, finalmente, as lesões desapareceram, apesar de ainda seguir sendo acompanhada pelos tratamentos médicos e exames de rotina, as lesões já não existem mais. Acredito fielmente, no processo de cura, pela integração dos saberes, e isso ficou explícito pela minha experiência de doença, cura e tratamento.

Lendo (Favret -Saada (1990) sobre ser afetada pelo campo de pesquisa, percebo a importância da proximidade do campo de pesquisa e os interlocutores como algo realmente potencializante, no sentido de compreender as vivências e não apenas descrevê-las.

Embora, durante a pesquisa de campo, não soubesse o que estava fazendo, e tampouco o porquê, surpreendo-me hoje com a clareza das minhas escolhas metodológicas de então: tudo se passou como se tivesse tentado fazer da “participação” um instrumento de conhecimento. P. 157)

É inevitável que essa experiência, não se reflita no meu processo de escrita, dessa dissertação, como uma mulher indígena MOARA e que também mora na aldeia Barra de Gramame e compartilha desse território como fonte de saúde e força.

Victor Turner descreve cinco “momentos” que constituem a estrutura processual de cada experiência vivida:

- 1) algo acontece ao nível da percepção (sendo que a dor ou o prazer podem ser sentidos de forma mais intensa do que comportamentos repetitivos ou de rotina);
- 2) imagens de experiências do passado são evocadas e delineadas de forma aguda;
- 3) emoções associadas aos eventos do passado são revividas;

- 4) o passado articula-se ao presente numa “relação musical” (conforme a analogia de Dilthey), tornando possível a descoberta e construção de significado; e
- 5) a experiência se completa através de uma forma de “expressão”. Performance – termo que deriva do francês antigo *parfournir*, “completar” ou “realizar inteiramente” – refere-se, justamente, ao momento da expressão. (TURNER *apud* JOHN C. DAWSEY, 2005, p. 164).

Assim, não é somente um método para se fazer pesquisa, não é somente uma pesquisa antropológica é muito mais, é um processo conduzido pela sensibilidade reflexiva, tomando em conta a própria existência e a própria experiência no campo junto às pessoas com as quais vivencio todos os dias e compartilho minhas dores e minhas forças. Portanto a afetação dessa experiência³ e todo percurso da pesquisa se configura também como parte da sistematização desse trabalho, que compõe o mapa cartográfico dos afetos e suas densidades. Enquanto tudo acontece ao meu redor, a pesquisa me atravessa de muitas maneiras diferentes e profundas, durante todo percurso vivenciado. Há uma tênue linha que não é capaz de transpor barreira sobre o que é pesquisado e que o pesquisa. E como bem diz o saudoso antropólogo Roberto Cardoso Oliveira (2000) é importante que esse processo seja levado em consideração, afinal, uma vez que essa vivência só é assegurada pela observação participante “estando lá”, passa a ser evocada durante toda a interpretação do material etnográfico no processo de sua inscrição no discurso da disciplina. (CARDOSO OLIVEIRA, 2000, p.34).

Esse processo é uma enorme viagem dentro de mim mesma. E isso tem haver também com as reverberações da pandemia, e do estado de saúde grave que enfrentei durante a constituição dessa pesquisa, e também experienciando as iniciações como pesquisadora. Criando um enredo etnocartográfico para a construção do que eu pretendo expôr nessas linhas que se cruzam com experimentações da vida real, empírica.

PESQUISAR EM MEIO A UMA PANDEMIA

³ Refletindo a ideia de experiência, conforme suscitada em Turner, 1986.

Frente ao contexto pandêmico causado pelo coronavírus (Covid-19).

As violências contra os povos indígenas repetiram-se com uma dolorosa gravidade. Propagadas, incentivadas ou naturalizadas por agentes do Estado, explicitam que a opção pela violência se faz necessária para atender às pretensões econômicas e políticas em vigor no país. A crise sanitária expôs a vulnerabilidade a que estes povos estão submetidos em seus territórios, pressionados por invasores, ou em luta pela terra, resistindo em condições precárias. (Relatório - violência contra os povos indígenas no Brasil. Dados de 2020. P. 6)

O Covid-19 tem sido danoso principalmente para os povos indígenas e comunidades tradicionais. Muito consciente sobre o perigo de contágio e de expansão do vírus, durante a pandemia, o cronograma dessa pesquisa foi sensivelmente modificado para atender as especificidades e parâmetros de segurança sanitária do momento. Me preocupei em tomar todos os cuidados recomendados, que foram o isolamento e quarentena e a testagem semanal para Covid-19, com o intuito de não ser um vetor de transmissão do vírus. Também respeitei os protocolos sanitários estabelecidos pelo órgão indigenista da saúde, a SESAI.

Antes da invasão colonial, as doenças virais não haviam atingido as populações indígenas do território brasileiro. As principais doenças virais como sarampo, rubéola e até mesmo a gripe foram doenças infecto-contagiosas que chegaram até aqui advindas do impacto da ação colonial. E a história contada nos livros didáticos até hoje não refletem como essas epidemias foram vetores para a fragilização e declínio de várias populações indígenas, inclusive sendo utilizadas como arma biológica contra a população nativa do território brasileiro.

Os europeus trouxeram os germes de várias doenças, o que transformou o processo de conquista num dos maiores genocídios da história da humanidade. Dessa forma, o indígena brasileiro sofreu um duro golpe com a desintegração social e cultural de sua sociedade. Além da fome e da guerra, as doenças transmitidas pelos brancos, especialmente as epidêmicas, foram responsáveis por um violento decréscimo de sua população. Nos anos de 1563 e 1564, irrompeu, na região litorânea da Bahia, uma grande epidemia de peste (varíola), responsável, em poucos meses, pela morte de mais de 30 mil índios e pela dispersão de milhares de seus agrupamentos. Nas décadas seguintes, ocorreram novos surtos de varíola que provocaram, mais uma vez, um grande índice de mortalidade entre os grupos indígenas. Como os primeiros contatos entre portugueses e indígenas ocorreram, sobretudo, nas regiões costeiras, foi aí que se registrou a mais alta taxa de mortalidade. Com a invasão do

interior, os grupos indígenas, antes protegidos da epidemia, foram também vitimados pela ação da doença. (MIRANDA. p. 230. grifo meu)

Portanto é importante refletir sobre como a ação política no tratamento dessa crise sanitária causada pelo coronavírus funciona como uma nova estratégia colonialista de continuação do genocídio⁴ sobre as populações indígenas. Quando primeiramente o próprio presidente ignora os impactos e impede que a imunização chegue com mais agilidade, conspirando contra a OMS, sem nenhum argumento científico que embase tal ação e inviabilizando o nível de vulnerabilidade que a população indígena historicamente possui. Podemos ver uma boa colocação sobre o assunto no livro o “o amanhã não está à venda” de Ailton Krenak, 2020.

O presidente da República disse outro dia que brasileiros mergulham no esgoto e não acontece nada. O que vemos nesse homem é o exercício da necropolítica, uma decisão de morte. É uma mentalidade doente que está dominando o mundo. E temos agora esse vírus, um organismo do planeta, respondendo a esse pensamento doentio dos humanos com um ataque à forma de vida insustentável que adotamos por livre escolha, essa fantástica liberdade que todos adoram reivindicar, mas ninguém se pergunta qual o seu preço.

Esse vírus está discriminando a humanidade. Basta olhar em volta. O melão-de-são-caetano continua a crescer aqui do lado de casa. A natureza segue. O vírus não mata pássaros, ursos, nenhum outro ser, apenas humanos. Quem está em pânico são os povos humanos e seu mundo artificial, seu modo de funcionamento que entrou em crise. É terrível o que está acontecendo, mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam, destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid-19. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos.

⁴ Segundo Houaiss, genocídio corresponde ao extermínio deliberado, parcial ou total, de uma comunidade, grupo étnico, racial ou religioso. Destruição de populações ou povos. Aniquilamento de grupos humanos, o qual, sem chegar ao assassinio em massa, inclui outras formas de extermínio, como a prevenção de nascimentos, o sequestro sistemático de crianças dentro de um determinado grupo étnico, a submissão a condições insalubres de vida etc.

Os únicos núcleos que ainda consideram que precisam se manter agarrados nessa Terra são aqueles que ficaram meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. Esta é a sub-humanidade: caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes. Existe, então, uma humanidade que integra um clube seleta que não aceita novos sócios. E uma camada mais rústica e orgânica, uma sub-humanidade, que fica agarrada na Terra. Eu não me sinto parte dessa humanidade. Eu me sinto excluído dela. Fomos, durante muito tempo, embalados com a história de que somos a humanidade e nos alienamos desse organismo de que somos parte, a Terra, passando a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo que exista algo que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza. (KRENAK, 2020, p. 5-6).

É importante problematizar os vários vieses, que o cenário pandêmico nos elucidam. Sobretudo pensando nos impactos para populações tradicionais. Os atos comprometem os povos originários diretamente. Segundo MACHADO, TERENA, SANTOS, 2019.

Os ataques proferidos por Jair Bolsonaro tem inegavelmente agravado a violência contra os povos indígenas. Um relatório do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) aponta dados preliminares de 2019 que revelam um aumento de invasões e conflitos em terras indígenas: em 2018, foram III registros em 76 TIS; entre janeiro e setembro de 2019, foram 160 registros em 153 TIs.⁵ O relatório também aponta que os discursos de Jair Bolsonaro quando era ainda candidato à presidência, em 2018, já eram fatores de propulsão de violência contra povos indígenas no país. (p. 49. 2019)

Na primeira remessa do cronograma de imunização que chegou na aldeia da Barra de Gramame no dia 01/02/2021, foram disponibilizadas unicamente 30 doses, apenas para indígenas que residiam na aldeia. Subsequentemente, as demais faixas etárias foram, aos poucos, obedecendo o cronograma vacinal, porém, diante disso, chegou outra problemática. A situação de vulnerabilidade que vivem, tanto os indígenas aldeados como não aldeados é imensa, a dificuldade de acesso à segurança alimentar correta, acesso à saúde e educação diferenciada de qualidade, e isso tudo se agravou ainda mais durante a

⁵ CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO. Relatório: *Violência contra os povos indígenas no Brasil - dados de 2018*. Brasília: Cimi, 2019. Disponível em <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2019/09/relatorio-violencia-contra-os-povos-indigenas-brasil-2018.pdf>.

pandemia e vivenciando uma gestão presidencial que em nada auxiliou os povos indígenas.

Todo esse contexto nos leva a refletir, sobre o carácter etnocida e genocida promovido pela atual gestão administrativa do Ministério da Saúde, que automaticamente se estende a todas as unidades dos distritos sanitários indígenas, que exclui do cronograma vacinal específico para indígenas as pessoas que, mesmo possuindo familiares na aldeia, ou seja, pertencendo àquele povo, residem na cidade e, portanto, negando o direito de receber a vacina que vem através do próprio subsistema de saúde indígena, evidenciando o carácter colonial e integracionista com o qual o Estado trata a saúde dos povos indígenas até hoje. Na aldeia ou na cidade, os direitos constitucionais devem ser assegurados.

Nos últimos meses generalizou-se o uso dos termos “genocida” e “genocídio” em referencia á conduta de autoridades brasileiras durante a pandemia, particulamente em razão do consenso sobre o carácter evitável de milhares de óbitos por covid-19. Até março de 2021, o Brasil não possuía sequer formalmente uma coordenação nacional efetiva de resposta à pandemia, tampouco uma campanha nacional de prevenção que destacasse a gravidade da doença e disseminasse as medidas de prevenção de eficácia comprovada, como o uso de máscaras e o distanciamento físico. O comitê da Coordenação Nacional para Enfrentamento da Pandemia da COvid-19, criado pelo decreto 10.569, de 26/03/21, não nos parece apto a cumprir esse papel, seja pela sua composição, seja pelos poderes a ele conferidos. Os primeiros movimentos do referido comitê já nos permitem antever que a ausência de Coordenação Nacional se manterá ao longo de 2021, com trágicas consequências.

Em julho de 2020, diante da interinidade prolongada de um ministro da saúde desprovido de qualificações técnicas e políticas para ocupar tão relevante pasta, o ministro do STF Gilmar Mendes já havia feito referencia ao genocídio brasileiro:

- Não podemos mais tolerar essa situação que se passa no ministério da saúde. Não é aceitável que se tenha esse vazio. Pode até se dizer: a estratégia é tirar o protagonismo do governo federal, é atribuir a responsabilidade a estados e municípios. Se for essa a intenção, é preciso se fazer alguma coisa. Isso é péssimo para a imagem das forças armadas. É preciso dizer isso de maneira muito clara: o exército está se associando a esse genocídio, não é razoável. É preciso pôr fim nisso.

Embora pressionado, Gilmar Mendes jamais se retratou em relação a essa afirmação, reiterando em outras ocasiões suas críticas à militarização do Ministério da Saúde e à resposta deferal à pandemia, sem deixar de mencionar o termo genocídio, porém referindo-se à situação dos povos indígenas. (VENTURA, 2021, p. 27-28)

O debate sobre genocídio e ecocídio⁶ Foi se incorporando a partir do conjunto de medidas políticas voltadas para a morte física, simbólica e cultural das comunidades indígenas no Brasil, esse descaso, foi ocasionado principalmente durante a gestão do presidente da república Jair Messias Bolsonaro durante os anos de 2018 a 2022.

Para fomentar essa reflexão no capítulo 2 intitulado - *Saúde indígena: luta, política e práticas*, incorporo uma discussão sobre o panorama histórico sobre a Política Nacional de Saúde Indígena, contextualizando com a criação dos órgãos especializados em saúde indígena no país e as dificuldades para implantação e acesso a políticas públicas de saúde diferenciada voltadas para população indígena no Brasil, e a luta que o povo Tabajara vem tendo para garantir o mínimo de assistência à saúde em seu território atualmente.

⁶ Crimes cometidos contra a humanidade, através da destruição da natureza ambiental.

CAPÍTULO. 1 - POVO TABAJARA DA PARAÍBA

Sou Tabajara, sou Tabajara da gema.

Sou Tabajara, sou Tabajara da gema.

A força dos Tabajara tá no tronco da jurema.

Pra mexer com um Tabajara tu tem que mudar de nome,

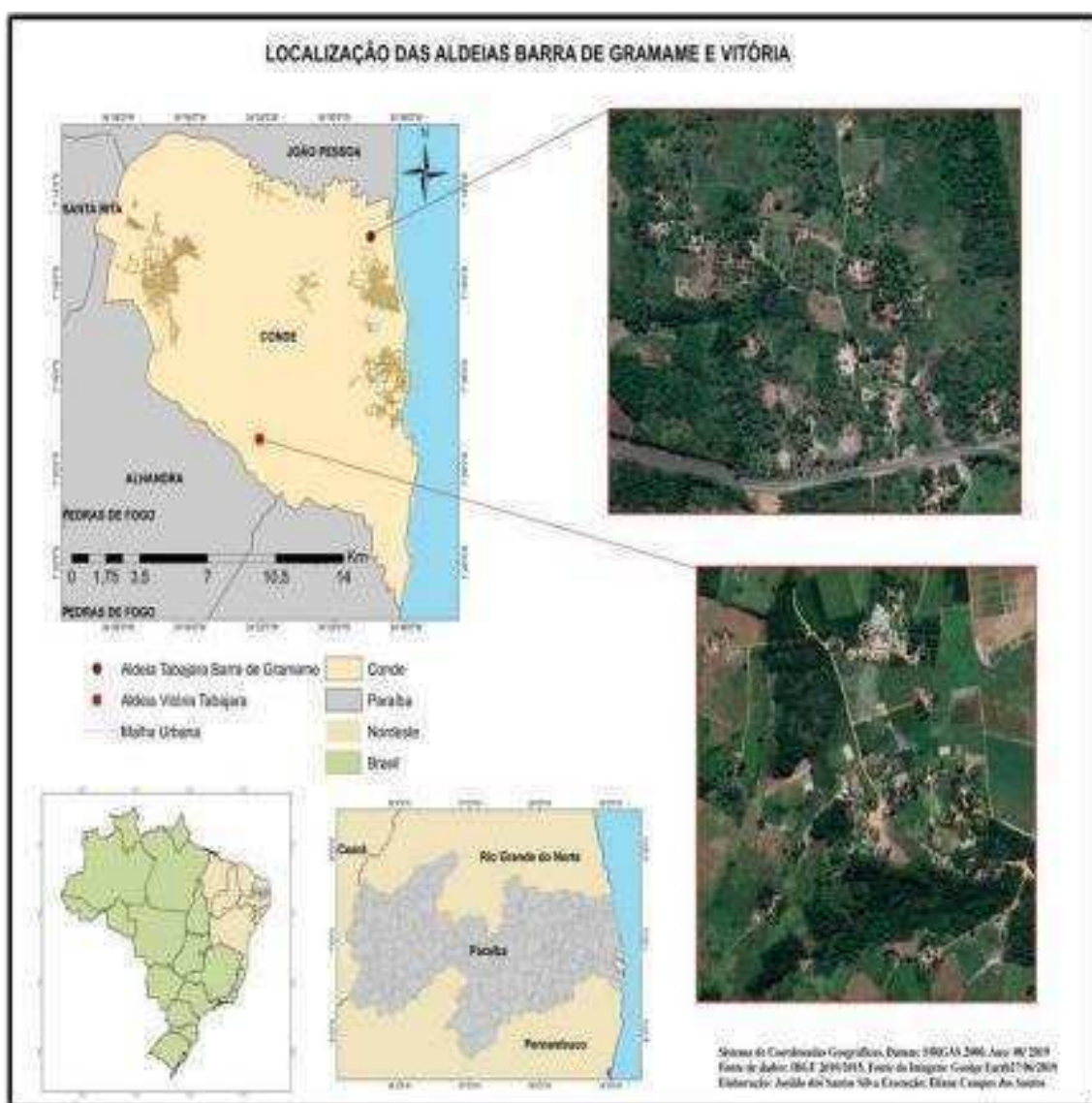
Porque mexer com os Tabajara é mexer com maribondo.

(Canto de Toré Tabajara)

O povo Tabajara, assim como Potiguara, Cariri e Tarairiú fazem parte da constituição histórica do estado da Paraíba. O tronco linguístico do povo Tabajara é o tupi. A área de ocupação tradicional é a microrregião do litoral Sul da Paraíba, nas proximidades das regiões da Jacoca e Pindaúna atual Conde, Aratanguí, atual Alhandra e Pitimbu, Caaporã e imediações de João Pessoa. A identidade do povo Tabajara é caracterizada pela interação e mistura de diversos elementos, traços de resistência, uma rede de memórias presentes nos rituais, cantos, pinturas corporais, na expressão da oralidade, inscrição de uma outra linguagem representativa que demarcam a identidade nas formas de estratégia política e auto-organização. Essa identidade se faz presente no próprio etnônimo Tabajara, que em tupi significa “dono da aldeia”.

Atualmente, o povo Tabajara está organizado em três aldeias: aldeia Barra de Gramame, aldeia Nova conquista-Taquara e aldeia Vitória. Cada aldeia se organiza sociopoliticamente tendo como referência seus respectivos caciques, Carlos Tabajara (aldeia Barra de Gramame), Paulo Tabajara (aldeia Nova conquista-Taquara) e Ednaldo Tabajara (aldeia Vitória).

Fotografia 1. Localização ilustrativa das Aldeias Barra de Gramame e Vitória



Fonte: Elaboração: Josildo dos Santos Silva, execução: Eliane Campos dos Santos (2019). Referência dissertação de CRUZ, ROSIANE BARBOZA DA. Mulheres Tabajara: disputas territoriais, gênero e identidade das indígenas no litoral sul da Paraíba. João Pessoa, 2020.

Mesmo diante da negação da demarcação do território, o povo Tabajara cresce na força do encanto e constrói caminhos estratégicos para lidar com os conflitos fundiários pela posse do território e viver dentro de uma relação ancestral do território como corpo e espírito, reafirmando a importância da luta pelo território, desenvolvendo articulações de lutas internas e externas ao território que continua sendo ameaçado e

invadido. A narrativa, a seguir, de Nequinho Piaba, 71 anos, traz a expectativa sob a demarcação do território Tabajara.

A demarcação dessas terras é uma grande alegria, uma grande vantagem para nós.

Porque desde dos meus avós, que eles vinham lutando por essa terra e sempre os maiorais tomando, até que expulsaram eles, né.

Mas se ela for demarcada é uma grande vitória para a gente. Satisfazendo a vontade do nosso povo que já se foi, eu acho que eles ficam muito contentes em saber que a gente tá numa terra nossa, demarcada.

Depois que ela for demarcada eu acho que o ministério da saúde vai ter mais cuidado com nós, melhora muito. (Nequinho Piaba, entrevista concedida em novembro de 2021)

Atualmente acontece a construção da terceira aldeia do povo Tabajara, que é a Aldeia Nova conquista Taquara, localizada na região próxima à praia de Coqueirinho, no Bambuzal, uma área de uma empresa de plantio de bambu que há tempos não movimentava o plantio e criou uma dívida de impostos do governo. Essa porção do território foi então ocupada, cerca de 600 hectares. Os marcos territoriais dos Tabajara estão impressos na paisagem do Litoral Sul. São presenças delineadas por meio das relações de parentela e, ao mesmo tempo, de ocupação por intermédio das atividades produtivas. (MARQUES, 2015)

Portanto, resultando na diminuição dos recursos naturais e instaurando o processo de luta para reaver parcelas do território, como forma de garantir a sobrevivência física e cultural do povo Tabajara. Essa luta tem como ponto de partida a consciência do direito que lhes é assegurado histórica e juridicamente, e o reconhecimento da condição de vulnerabilidade que vivenciam.

Segundo o relatório de fundamentação antropológica do Povo Tabajara, de 2009 \ 2010, este território possuía em sua extensão 35.000 hectares, no litoral sul da Paraíba abrangendo as cidades que hoje conhecemos como Conde, parte de Alhandra e parte de Pitimbu, tendo como limites os Rios Gramame e Abiaí. (SOUZA. 2020, p. 11).

De acordo com Mura; Palitot; Marques (2010), como em todo o Nordeste brasileiro, a Paraíba foi alvo de uma marcante colonização que fez uso intensivo de mão de obra indígena e pessoas escravizadas trazidas do continente africano.

Sobre a questão histórica do povo Tabajara, utilizamos dados apresentados no *Relatório de fundamentação antropológica para caracterizar a ocupação territorial dos Tabajara no litoral Sul da Paraíba*, produzido por Mura; Palitot; Marques (2010). Que aborda questões fundamentais em relação ao território Tabajara.

A principal referência histórica de ocupação dos Tabajara é uma área conhecida como Sítio dos Caboclos e dos Bodes que, mais tarde, foi usurpada por membros da família oligárquica dos Lundgren.

A história contada pelos mais velhos durante as reuniões realizadas pelo grupo, remete-nos a três momentos históricos, sendo eles: a ocupação territorial pela Coroa Portuguesa, no século XVI e a importância de Piragibe no processo de doação da sesmaria da Jacoca; ao século XIX com a demarcação de Justa Araújo e a permanência das famílias no sítio dos caboclos; e no momento atual de 2006 até 2015, em que o grupo reivindica sua condição étnica e demarcação do território indígena. A história contada pelos mais velhos durante as reuniões realizadas pelo grupo, remete-nos a três momentos históricos, sendo eles: a ocupação territorial pela Coroa Portuguesa, no século XVI e a importância de Piragibe no processo de doação da sesmaria da Jacoca; ao século XIX com a demarcação de Justa Araújo e a permanência das famílias no sítio dos caboclos; e no momento atual de 2006 até 2015, em que o grupo reivindica sua condição étnica e demarcação do território indígena. (MARQUES, 2015, p. 225).

O apagamento histórico acometeu muitos aspectos da história indígena, no litoral sul da Paraíba. Conforme nos conta. Marques (2015):

Segundo relatos, a permanência dos Tabajara no Sítio dos Caboclos, principal referência territorial desse grupo, deu-se até o momento em que os Lundgren ocuparam o território da Jacoca. Esta família exerceu diferentes estratégias de intimidação e pressão para que os Tabajara, assim como as comunidades negras, ocupassem outros espaços. A dispersão Tabajara ocorreu quando membros das famílias do Sítio ocuparam outros espaços no Litoral Sul e na capital paraibana.

Houve tentativa de permanência no território no entorno da Jacoca durante o período da expulsão das famílias. Entretanto, a

população que se encontrava no entorno não permitiu a presença do grupo por medo de represálias ou perda territorial. Desse modo, os Tabajara ficaram dispersos. Cabe destacar que após a expulsão mencionada, os Tabajara se espalharam em diferentes territórios do Litoral Sul, como a sede municipal do Conde e Barra de Gramame, Pitimbu, Bayeux, Alhandra e Caaporã. Conforme dados do último censo realizado pela FUNAI em 2014, são contabilizados 539 Tabajara autodeclarados. Segundo informações dos próprios Tabajara, esse número é maior, tendo em vista uma quantidade considerável de famílias que não entraram na planilha do órgão. (p. 233-234).

No começo do século XVII, a coroa portuguesa concedeu duas sesmarias no litoral sul deste estado, onde foram formados os aldeamentos de Jacoca e Aratanguí, entregues à administração da ordem jesuítica (MURA; PALITOT; MARQUES, 2010).

Os aldeamentos indígenas do período colonial foram criados com a finalidade de formar cordões defensivos em áreas de fronteiras e concentrar e treinar mão-de-obra para os engenhos, o corte de madeiras, as obras públicas e a produção de alimentos. Podemos observar nos mapas elaborados por Carvalho (2008) como a dinâmica dos aldeamentos coloniais submetia-se às necessidades de defesa e suporte do empreendimento colonial centrado na produção açucareira. Os deslocamentos e fusões de aldeias obedeciam às lógicas da administração da colônia, incorporando os índios aliados como elementos ativos na defesa do território e no fornecimento de mão-de-obra e mantimentos. (MURA, *op. cit.*).

A maior parte das famílias aí localizadas era considerada como pertencendo ao grupo Tabajara, mas, como era comum na época, era provável que a esses espaços tivessem sido reconduzidas famílias que resultaram dos “descimentos⁷” de indígenas procedentes do sertão. Com a expulsão dos jesuítas das Américas, em meados do século XVIII, e a promulgação do edito pombalino, estes aldeamentos são secularizados e transformados em vilas como Jacoca e Alhandra, em 1762, impondo-se aos indígenas o uso obrigatório da língua portuguesa e o abandono daquelas nativas, além de ter-se incentivado o casamento com não indígenas (MURA, *op. cit.*). Quase um século depois, já no período imperial, com a implementação da Lei de Terras, de 1850, as duas sesmarias

⁷ Termo utilizado por Mura; Palitot; Marques (2010) para se referir aos deslocamentos dos indígenas do sertão para a região do litoral

que, não obstante o processo de mestiçagem e de disciplinamento administrativo haviam permanecido como de domínio indígena com suas lideranças reconhecidas, passam a ser alvo de uma marcante reforma que levou os indígenas a perderem o controle sobre a maioria de seus espaços, com o *status* político de territórios indígenas. Os indígenas passaram a receber pequenos lotes familiares, não totalizando 5% dos espaços que antes tinham à disposição. O resto da região passou a ser alvo de uma nova colonização, formando-se posses e possibilitando-se a criação de poderios locais que paulatinamente criaram latifúndios, e que no correr da primeira metade do século XX pressionaram os indígenas a saírem dos já poucos espaços em que haviam sido restringidos (MURA *et al*, *op. cit.*). Na década de 90 algumas famílias Tabajara foram assentadas pela reforma agrária no assentamento de Barra de Gramame, onde hoje está localizada atualmente a aldeia Barra de Gramame.

Nesse contexto, o povo indígena Tabajara se situa e se movimenta em luta contínua pela efetivação de seus direitos constitucionais territoriais, território esse tradicionalmente ocupado há séculos por essa etnia e que, atualmente, se encontra em processo de demarcação. Conforme cita a seguir, Lucena e Silva (2017):

Desde o ano de 2006 os Tabajara vem buscando, junto à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), retomar as suas terras tradicionais ocupadas atualmente por latifundiários e empresários de fábrica de cerâmica e cimento. Após pressões dos índios Tabajara pelos seus direitos junto ao órgão indigenista federal, conseguiram em 2009 que a FUNAI autorizasse a formação de um Grupo Técnico (GT) coordenado por um antropólogo, para a elaboração de um Relatório de Fundamentação Antropológica para caracterizar a ocupação territorial dos Tabajara no litoral Sul da Paraíba (MURA, 2009), procedimento este usado como recurso pela FUNAI para saber maiores detalhes sobre o grupo indígena e a área a ser identificada e delimitada, posteriormente por este ou outro GT. (p. 2)

Trago aqui esse panorama de luta do povo indígena Tabajara junto à FUNAI e aos órgãos indigenistas, para situarmos dentro do contexto histórico, político e territorial dessa etnia localizada no litoral Sul da Paraíba.

Desde de 2005, o povo Tabajara vivencia um processo de etnogênese⁸ e luta pela autoafirmação da identidade étnica e demarcação de seu território que foi retirado historicamente pelo latifúndio. O território atualmente vive sob ameaça da especulação imobiliária e turística, grileiros, usineiros, no litoral Sul da Paraíba.

Cronologicamente fragmentados, a etnia indígena Tabajara ressurgiu reivindicando dos órgãos oficiais parte do antigo território do sítio dos Caboclos, localizado na antiga sesmaria da Jacoca e Arataguí no litoral Sul. De acordo com o relatório de fundamentação antropológica, contam com uma população de 1000 Tabajara, formada por várias famílias. Fatores diversos os levaram a deixar seu antigo território e migrarem para os municípios de Conde, Pitimbu, Alhandra (porção correspondente ao território do litoral sul paraibano) e outros para os bairros do Grotão, Mandacaru, Geisel, José Américo e Cristo, na periferia de João Pessoa.” (FARIAS, Eliane; BARCELLOS, Lusival. 2015, p. 111)

Pacheco de Oliveira (2004) aponta para características específicas dos povos indígenas da região nordeste: etnias que, segundo dados etnográficos e historiográficos, eram tidas como desaparecidas, reorganizam-se nos séculos XX e XXI, exigindo o seu reconhecimento como povo originário e a demarcação de seus territórios de ocupação tradicional.

A reivindicação do território se dá por parte de aproximadamente 1000 indígenas que se reconhecem como descendentes de alguns grupos domésticos originários de uma localidade no interior da antiga sesmaria da Jacoca, denominada de Sítio dos Caboclos de Pau Ferro, coincidente com parte significativa dos loteamentos distribuídos para os índios na segunda metade do século XIX.

Estes "caboclos", como se consideram ainda os mais idosos, passaram hoje a se autodenominar Tabajara, em virtude do etnônimo atribuído a seus antepassados remotos, não apenas reivindicando terra, mas também dando vida a um processo de reorganização política, reavivando laços familiares, construindo mecanismos de discussão comunitária, promovendo atividades ritualísticas, entre outras modalidades de construção de coletividades (MURA; PALITOT; MARQUES, 2010).

⁸ Conceito antropológico que caracteriza o processo de ressurgimento de etnias já reconhecidas ou emergência de novas identidades étnicas.

O povo Tabajara tem como práticas tradicionais centrais a agricultura, a produção de artesanato, a pesca, a caça, a coleta de frutas como manga, coco, caju, e de crustáceos, como caranguejo, marisco, aratu, camarão, taioba, sururu, o cultivo de mandioca, inhame, do mel e de alguns legumes como feijão, milho, jerimum e macaxeirana base alimentar da agricultura de subsistência. Assim como bem argumenta, Souza (2020).

A vida neste território (assim como em qualquer outro) foi notadamente constituída por elementos ritualísticos e interacionais (GOFFMAN, 1973), marcados por técnicas de uso cotidiano da terra, dos rios, praias, das matas, dos mangues, ou seja, do ambiente de uma forma geral. Entendendo esta afirmação, percebe-se que existem repetidas maneiras recorrentes de se viver no território, onde as pessoas possuem através das possibilidades que lhes estão colocadas pelo ambiente, formas de vidas que são características da ecologia local, nossa afirmação é a de que estas formas de se viver, comprovam que o Litoral Sul da Paraíba é um território tradicional, deixando as marcas de uma identidade indígena tabajara que viria a surgir após um longo processo de silenciamento. (SOUZA, 2020, p. 13).

É importante refletir sobre a integração entre natureza e cultura dentro do território indígena. Pois os antigos enclaves da dicotomia natureza e cultura não dão conta de explicar a amplitude das interações, quando se discute etnicidade e direito territorial. As práticas tradicionais estão intimamente interligadas com a reivindicação da terra tradicionalmente ocupada.

O povo Tabajara passou por um processo violento de opressão colonial, que acarretou em sucessivas lutas pela regularização e demarcação de seu território tradicional. O povo Tabajara sofre com os conflitos, no enfrentamento á devastação da fauna e flora, invasão e esbulho de suas terras, apartir do processo de exploração ilegal dos recursos naturais, especulação imobiliária, atuação de grandes empresas de empreendimentos imobiliarios, conforme descritos no relatório Violência Contra os Povos Indígenas no Brasil, com dados referentes a 2021, publicado pelo CIMI (Conselho indigenista missionário). Segundo as lideranças Tabajara, após muitas denúncias relacionadas com a invasão e danos a TI Tabajara através da mineração e derrubada ilegalda mata na APA - área de proteção ambiental de Tambaba, em 2021 foi movida uma ação do IBAMA, porém a extração continuou ocorrendo, portanto no dia 30 de janeiro desse ano de 2023, o povo Tabajara se uniu e decidiu ocupar a APA de Tambaba, reservado Graú, local onde foi devastado pela empresa LORD negócios imobiliarios, em média

mais de 2 hectares de terra para construção de um resort, sendo que toda área pleiteada para construção era de 186 hectares, conforme documento de autorização da SUDEMA. O empreendimento fere as normas ambientais vigentes e corresponde a um complexo turístico, licenciado de maneira indevida pela SUDEMA, em parceria com a gestão do município do Conde.

Depois de cerca de 3 dias ocupando a área e reivindicando a suspensão imediata da licitação do empreendimento, e depois de muita pressão midiática e diálogo das lideranças e caciques Tabajara, como órgãos competentes pela fiscalização como o MPF - MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL e a FUNAI, no dia 01 de fevereiro foi publicada no diário oficial da união a suspensão da licença com autorização da suspensão de exploração do solo. Abaixo segue as fotografias do ato de ocupação e a suspensão da licença do empreendimento, publicado no diário oficial da união.

Superintendência da Administração do Meio Ambiente

SUSPENSÃO

SUPERINTENDÊNCIA DE ADMINISTRAÇÃO DO MEIO AMBIENTE

**SUSPENSÃO DOS EFEITOS DA AUTORIZAÇÃO DE EXPLORAÇÃO
USO ALTERNATIVO DO SOLO Nº 2025.5.2022.60402**

A SUDEMA – Superintendência de Administração do Meio Ambiente, pessoa jurídica de Direito Público, CNPJ nº 08.329.849/0001-15, com arrimo nos arts. 37 e 225 da Constituição Federal e art. 227 da Constituição Estadual, assim como no Decreto Federal 6.514/08, na Lei Estadual nº 6.757/99 e no art.53 da Lei Federal nº 9.784/99, com fulcro no Princípio da Autotutela que é conferido à Administração Pública, de poder revogar seus atos na oportunidade e conveniência, e do dever anular, independente de decisão judicial, quando eivados de vício, comunica a **SUSPENSÃO** dos efeitos da **AUTORIZAÇÃO DE EXPLORAÇÃO – USO ALTERNATIVO DO SOLO Nº 2025.5.2022.60402**, objeto do Processo SINAFLOR nº 22518701, concedida em favor de LORD - NEGÓCIOS IMOBILIÁRIOS LTDA, CNPJ: 04.137.738/0001-56.

João Pessoa, 31 de janeiro de 2023.

MARCELO ANTONIO CARREIRA CAVALCANTI DE ALBUQUERQUE
Diretor Superintendente da SUDEMA



Desmatamento, cortar árvores e destruir a floresta é crime. Os povos indígenas em seus territórios são de extrema importância na conservação da natureza.





Crime ambiental de desmatamento na mata de Tambaba, no território sagrado do Povo Indígena Tabajara.







Acima os três caciques Tabajara, respectivamente, Carlinhos, Ednaldo e Paulo. Durante o ato de ocupação da APA de Tambaba em janeiro de 2023, contra um grande empreendimento hoteleiro na região.

1.1 ALDEIA BARRA DE GRAMAME

Caboclo índio pega sua flecha que o rei dos índios mandou te chamar.

Na aldeia dos Tabajara tem um reinado dos encantados.

Canta pisa, quero ver pisar, na terra dos índios Tabajara.

(Canto de Toré Tabajara)

A aldeia Barra de Gramame é considerada a primeira aldeia do povo Tabajara da Paraíba. É localizada no município do Conde, litoral Sul da Paraíba, às margens da PB 008. Próxima ao rio Gramame e também da praia de Gramame. A aldeia Barra de Gramame é o local dessa pesquisa. Onde residem cerca de 30 famílias. Atualmente toda a população indígena Tabajara tem, aproximadamente, mais de 700 indígenas (BARCELLOS; FARIAS; COZAR, 2015), divididos espacialmente em três aldeias: Barra de Gramame, Vitória, Nova Conquista-Taquara e indígenas que moram em contexto urbano, na capital da Paraíba. Hoje, são mais de 700 indígenas da etnia Tabajara que resistem à situação de descaso, invisibilidade à qual foram e são submetidos os povos indígenas da Paraíba, no nordeste e no país. Para mais informações ver relatório de fundamentação antropológica, que caracteriza a ocupação territorial dos indígenas Tabajara no litoral Sul da Paraíba, conforme Instrução Técnica Executiva nº 34/DAF/2009. (MURA; PALITOT; MARQUES, 2009). Esse *relatório antropológico Tabajara*⁹ Foi utilizado como procedimento e recurso pela FUNAI para saber maiores detalhes sobre o grupo indígena e a área a ser identificada e delimitada.

Atualmente a aldeia Barra de Gramame tem aproximadamente 40 hectares ao todo, que está em posse dos indígenas, através do processo de reforma agrária, iniciado a

⁹ Esta publicação segue fielmente a estruturação e o conteúdo do relatório de fundamentação antropológica para caracterizar a ocupação territorial dos Tabajara no Litoral Sul da Paraíba, conforme Instrução Técnica Executiva nº 34/DAF/2009

partir da década de 1980. Como estas famílias já viviam nessa área quando ainda era considerada fazenda, no momento da reforma agrária, acabaram por terem suas posses conectadas umas às outras, fator que possibilitou um contato mais interativo dos núcleos familiares, possibilitando a circulação de conhecimento e saberes relacionados às práticas cotidianas e tradicionais.

A aldeia Barra de Gramame é rodeada de mata, com bioma de mata atlântica, correspondendo a uma área de mangue, rio e beira mar.

A posse dessas terras se configura como um mecanismo muito importante na captação dos direitos indígenas advindos dos órgãos indigenistas que, por sua vez, não atuam em terras que não sejam de alguma forma oficializadas pela Justiça Federal. Tendo o direito oficializado pelo processo de reforma agrária, o povo Tabajara, hoje recebe uma pequena parcela do recurso do Ministério da Saúde através do DSEI (distrito sanitário especial indígena) - Potiguara, como a visita da equipe do Núcleo de Apoio à Saúde Indígena (NASI), composto por psicólogo, nutricionista e assistente social e a equipe Auxiliar de Saúde Bucal (ASB) juntamente com a Unidade de Odontologia Móvel (UOM), e a equipe especializada de saúde indígena, formada por médico, enfermeiro técnica de enfermagem e que conta com o AIS (Agente Indígena de Saúde) que, quinzenalmente, vem fazer atendimentos à população residente na aldeia Barra de Gramame.

A aldeia Barra de Gramame conta atualmente com 15 famílias cadastradas no SIASI¹⁰ (Sistema de Informação da Atenção à Saúde Indígena), que são atendidas pelo DSEI Potiguara, pois, como já falado anteriormente, este órgão só atende a indígenas que moram em aldeias. A outra parcela de indígenas que moram nas cidades, apesar de pertencerem ao movimento indígena e estarem em constante diálogo com as aldeias através de eventos e reuniões mensais, não possuem até o momento o direito a usufruir da saúde especializada. Por esses e outros fatores, esse povo clama pela demarcação da terra, para possibilitar a volta desses indígenas que hoje residem na cidade para a aldeia, para que possam desfrutar de seus direitos constitucionais.

¹⁰ Sistema de informação da atenção à saúde indígena, criado em 1999, no âmbito do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, com o objetivo de melhorar a disponibilidade do acesso às informações sobre saúde, com intuito de planejar e avaliar ações relacionadas com a saúde indígena no Brasil.

Fotografia 2 - Oca da aldeia Barra de Gramame



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos, janeiro de 2022.

1.2 GRUPO DE MULHERES MOARA - PROTAGONISMO DAS MULHERES TABAJARA

Na Terra somos guerreiras, no rio somos guardiãs,

Eu tenho pai Tupã na alma, na pele e no coração.

Sou guerreira moara, eu sou, eu sou.

Sou guerreira moara, eu sou, eu sou.

Não venha mexer comigo, sou forte com meu tambor.

(Toré do grupo de mulheres Moara)

Moara é um grupo de mulheres indígenas Tabajara da aldeia Barra de Gramame, que foi criado por Iraê Tabajara, no dia 24 de julho de 2019, com o intuito de evidenciar o protagonismo das mulheres Tabajara, fortalecendo e mantendo em movimento a cultura, atuando no processo de afirmação identitária, valorizando o conhecimento, as práticas e usos da medicina tradicional, assim como, também, a pintura corporal, a culinária tradicional, a agricultura e a produção de artesanatos, fortalecendo e avivando a tradição.

Sobre a iniciativa da criação do grupo *Moara*, destaco uma entrevista que tive com Iraê Tabajara, em novembro de 2020, em um encontro de saberes, no TI Potiguara, na aldeia forte. Trecho evidenciado dentro do documentário “*MOARA - A CURA VEM DA MATA*” onde a mesma diz o seguinte

Eu acho muito bonito, uma organização coletiva, seja indígena ou quilombola, então, na minha aldeia não tinha, aí um certo dia eu ia viajando e comecei a pensar... Meus Deus... meu deus... as mulheres, não tem um grupo de mulheres na aldeia, o que que eu vou fazer? E senti e comecei a pensar quando cheguei em casa, senti que foi meus encantados que me estavam me pedindo pra fazer esse grupo, para organizar as mulheres da minha aldeia, aí eu tinha um grupo de whatsapp, que estava desativado, aí eu disse, desse grupo, hoje eu vou fazer um grupo para me comunicar com as mulheres, chamar elas para lutarem juntas pelos nossos direitos.

Eu escuto o som do maracá, a pisada dos nossos antepassados, e cada momento que eu vejo, eu me emociono, porque se a gente deixar pra trás as nossas essências vai acabar de novo, a gente não pode se calar, a gente tem que pisar firme e lutar. É por isso que eu luto pelo meu povo com garra e com resistência. Porque nós somos resistência. (Entrevista concedida por Iraê Tabajara, em novembro de 2020).

Fotografia 3 - Iraê Tabajara liderança das mulheres indígenas *Moara*, falando sobre a trajetória do grupo *Moara*, durante o encontro de saberes indígenas da Paraíba na TI Potiguara - Aldeia do forte



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos, novembro 2020.

Na fotografia acima está Simone da Silva Bernado (Iraê Tabajara), liderança das mulheres Moara na aldeia de Gramame, filha de Pedro Severo, neta de Severo Bernardo, um dos troncos familiares de Tabajara.

A iniciativa de organizar o grupo tem como objetivo reunir as mulheres para incentivar a unificação dos saberes, fortalecendo ativamente a dinâmica da aldeia, possibilitando o reencontro das mulheres que moram em outras partes do território e na cidade e fortalecendo a cultura do povo Tabajara, proporcionando trocas de saberes, evidenciando o papel das mulheres dentro da comunidade e também no diálogo político em busca da demarcação do território Tabajara.

Atualmente, em cada aldeia há um grupo de mulheres organizado. Na aldeia vitória tem o grupo de mulheres chamado *Niaras*¹¹ que trabalham com horta comunitária, com cultivo agroecológico, para estimular a alimentação saudável para toda comunidade. O grande lema do grupo de mulheres *Niaras* é “mulheres em busca de grandes objetivos”.

Na aldeia Nova Conquista Taquara, também está se constituindo um grupo de mulheres que se chama *Yby-rapó kunhã*¹², intitulado *coletiva* das guerreiras Tabajara, que, entre outras atividades, busca trabalhar com produções audiovisuais indígenas.

Cada grupo tem cada dia mais se engajado no fortalecimento da luta das mulheres tabajara, em defesa de seus direitos. Como podemos observar na fala de Janiara a seguir.

A saúde indígena sempre reforça, a saúde e o território, o eu e o território. Então é importante sempre buscar as práticas da medicina tradicional, para poder realmente se curar, antes de oferecer uma medicalização industrial.

Foi através dos grupos de mulheres dentro das aldeias, que percebemos que tivemos ganhos dentro das nossas aldeias, por exemplo as oficinas que possibilitaram à gente trabalhar juntas as práticas de saberes da medicina tradicional, dentro dessas oficinas no grupo das moara.

A gente fez o primeiro encontro de mulheres indígenas, aqui na aldeia Barra de Gramame que antes nunca tinha acontecido, juntando as três aldeias, e os três grupos de mulheres. Tivemos também o 1º encontro de intercâmbio cultural de mulheres indígenas Tabajara, Warao e quilombolas. Então realmente nós temos um potencial muito grande de trazer para a saúde e para nosso território qualidade de vida. (Janiara Tabajara, entrevista concedida em julho de 2022).

Aqui iremos focar no grupo de mulheres da aldeia Barra de Gramame. O nome *Moara* tem origem na língua nativa tupi e seu significado é: "ajudar a nascer". O grupo de mulheres se identifica com a metáfora da semente que, plantada em solo propício, germina e dá frutos para nutrir coletivamente todo o povo. O grupo de mulheres Moara tem buscado, de maneira central, estimular o respeito aos princípios da natureza e comungam, junto com ela, os ensinamentos repassados de maneira geracional. Vemos a seguir a narrativa de Janiara Araújo, AIS - Agente indígena de saúde da aldeia Barra de

¹¹ Grupo de mulheres indígenas Tabajara da aldeia vitória

¹² Grupo de mulheres indígenas da aldeia Nova Conquista Taquara

Gramame e integrante do grupo Moara, sobre a importância do grupo de mulheres e sobre o papel da mulher Tabajara na constituição dos saberes de cura

Principalmente como uma jovem indígena mulher, eu me sinto muito emocionada de trabalhar junto a um grupo de mulheres, aqui da aldeia Barra de Gramame. Até pelo fato da gente agora tentar resgatar os conhecimentos, trabalhando com produtos naturais, a vivência de utilizar as plantas para o tratamento das doenças, para a cura.

É de grande importância o grupo está trazendo principalmente para os mais jovens, trazer essa sabedoria das ervas medicinais no processo de cura, trazer também um pouco da ancestralidade, esse resgate de como era a cultura de cura com as ervas medicinais antigamente. Então isso é uma forma de resgatar e trazer para as mulheres jovens e multiplicar assim os saberes.

A mulher tem esse papel fundamental de resgatar esses saberes. Antigamente as pessoas achavam que antigamente eram mais os homens que eram pajés, e no nosso grupo a gente valoriza esse processo de cura, com o papel feminino. Eu acho que a mulher tem uma grande conexão com a natureza, do jeito que a mulher é delicada e forte, a natureza também é delicada e forte. Então é um papel muito importante. (Janiara, 26 anos. Entrevista concedida em julho de 2022).

O grupo Moara evidencia a articulação das mulheres e suas práticas no território Tabajara, estimulando a memória e a reprodução e manutenção de conhecimentos tradicionais, através do projeto farmácia viva, local onde cultivam plantas medicinais, para uso coletivo.

O grupo se reúne em torno de reuniões e oficinas de produção de garrafadas, lambedores¹³, sabonetes medicinais, rodas de toré, prática contínua de pinturas em grafismos indígenas, que carregam significados para além dos traços.

As oficinas são espaços organizados por um grupo social, no qual são direcionadas propostas ligadas ao fazer, a aplicabilidade de determinadas atividades que possibilitem o ato de aprender, não somente aquilo que é ensinado, como também o que o meio lhe possibilita, levando em consideração o espaço, materiais, memória, enfim, aquilo que esteja sendo vivenciado e efetuando

¹³ Mistura de plantas medicinais, com açúcar, que geralmente é levado ao fogo, para ferver, formando uma espécie de xarope.

no momento dessas vivências. (SILVA in BARCELLOS E FARIAS, 2007).

Fotografia 4 - Oficina de prática de grafismo indígena em tecido, na aldeia Barra de Gramame



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima, junho de 2021.

As reuniões das mulheres propiciam diálogos reflexivos sobre a atuação do movimento indígena na aldeia, no fortalecimento da cultura Tabajara e o protagonismo fundamental que as mulheres desempenham na organização social, política, espiritual, ambiental, cultural na aldeia Barra de Gramame.

Registro, a seguir, a agenda de atividades desenvolvidas pelo grupo de mulheres MOARA anualmente.

CRONOGRAMA ANUAL DE ATIVIDADES DESENVOLVIDAS PELO GRUPO MOARA

MÊS	ATIVIDADES
JANEIRO	- Debate sobre a agenda propositiva anual de atividades das mulheres
FEVEREIRO	- Prestação de contas

	<ul style="list-style-type: none"> - Encontro de saberes da medicina tradicional Tabajara
MARÇO	<ul style="list-style-type: none"> - FEIRA EM ALUSÃO AO MÊS DA MULHER <p>Feira de medicina tradicional, culinária e artesanato das mulheres indígenas Tabajara</p>
ABRIL	<ul style="list-style-type: none"> - Mês de mobilização para ATL - Abril indígena na aldeia
MAIO	<ul style="list-style-type: none"> - Ida a mata com o pajé para buscar plantas para produzir as garrafadas - Produção de garrafadas para o encontro de mulheres indígenas Tabajara - Comemoração do mês das mães
JUNHO	<ul style="list-style-type: none"> - Reunião com as lideranças para alinhamento e planejamento das atividades para próximo semestre
JULHO	<ul style="list-style-type: none"> - Evento de comemoração ao aniversário do grupo de mulheres MOARA
AGOSTO	<ul style="list-style-type: none"> - Marcha das mulheres indígenas em Brasília - DF

SETEMBRO	- Produção de lambedores e sabonetes com plantas medicinais
OUTUBRO	<ul style="list-style-type: none"> - Oficina de Maracá - Manutenção da farmácia viva das MOARA - Comemoração dos curumins (crianças indígenas)
NOVEMBRO	<ul style="list-style-type: none"> - Encontro de mulheres indígenas Tabajara e debate da agenda anual, avanços e dilemas - Avaliação anual das atividades
DEZEMBRO	- Encontro anual de encerramento das atividades das mulheres Moara

Fonte: elaborada pela autora em maio de 2022

A realização das atividades, oficinas e reuniões acima listadas, é fundamental para o fortalecimento do grupo de mulheres Moara e visa o fortalecimento da cultura Tabajara no geral, em diálogo com os demais grupos de mulheres das outras duas aldeias, fundamenta também as transmissões de conhecimentos.

O ativismo das mulheres Tabajara na luta pela demarcação da sua terra, proporciona a articulação política dentro da aldeia e para além, fomenta discussões sobre a luta pela efetivação e garantia dos direitos para as mulheres indígenas, por meio de uma agenda propositiva construída coletivamente pelas próprias mulheres. Essas atividades são substanciais para reativação da memória coletiva que é responsável pela circulação e manutenção da cultura, sobretudo aquela de tradição oral, renovando os laços comunitários e de parentesco, fortalecendo uma rede de troca e de compartilhamento de saberes entre as mulheres Tabajara.

Além disso, propicia a fomentação da autonomia das mulheres na geração de renda, empreendedorismo e sustentabilidade através da organização das mulheres Moara na feira de artesanato, medicina tradicional e culinária. Inclusive é importante destacar o papel fundamental que nós mulheres exercemos no itinerário de cuidados com saúde, pois estamos sempre atentas aos cuidados básicos da aldeia, cuidando das crianças, a começar pela própria família, projetando esse cuidado através de ações práticas como o plantio de hortaliças dentro da aldeia vitória, organização, planejamento e manejo dos remédios naturais produzidos na farmácia vida das moara, e se preocupando com as ferramentas de produção e reprodução midiática, expandindo e compartilhando o conteúdo da luta, criando uma espécie de mídia independente indígena, que as mulheres da yby-rapó kunhã da aldeia nova conquista agenciam. Ou seja, o protagonismo vivo das mulheres indígenas Tabajara em vários setores, desde da organização social em suas casas e famílias, se expandindo para a luta pela conquista dos direitos das mulheres através da organização de pautas para construção política e demarcação do território.

Fotografia 5 - Oficina de prática de grafismo em tecido na aldeia Barra de Gramame, na foto Janiara desenha em tecido grafismo que simboliza a malha da jibóia



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima, junho 2021

Fotografia 6 - Ritual de toré das mulheres indígenas MOARA, na ilha grande da aldeia Barra de Gramame



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos, março 2021

1.4 FARMÁCIA VIVA

A farmácia viva é um dos principais projetos desenvolvidos pelo grupo de mulheres MOARA, que tem seu núcleo de organização, dentro da aldeia Barra de Gramame, desde de julho de 2019. Com objetivo de fortalecer a cultura e tradição dos usos de plantas medicinais, com a manutenção dos conhecimentos tradicionais e valorizar os recursos naturais para fins terapêuticos, através do plantio, cultivo, colheita e o uso de plantas medicinais. Possibilitando às futuras gerações conhecer, valorizar e se beneficiar das propriedades curativas que a biodiversidade do território Tabajara oferece.

O projeto da Farmácia viva realiza o plantio de ervas medicinais, com o intuito de utilizá-las para o feitiço e preparo de remédios naturais dentro da aldeia, colaborando no fortalecimento e socialização do conhecimento sobre a medicina tradicional do Povo Tabajara.

A atividade de plantio da farmácia viva iniciou-se com 37 mulheres em 2019, realizando em seguida a primeira oficina de lambedores, dando início com um ritual de cura para que a ancestralidade conceda sabedoria para utilização das plantas medicinais.

Foi utilizado para confeccionar os lambedores, acerola, alcaçuz, hortelã da folha grande, o extrato do cupim, cardeiro e alho do mato. No dia 30 de novembro de 2020, foi ofertada a segunda oficina de sabonetes medicinais, utilizando as ervas da mata e da farmácia viva, assim como outras práticas, se deu início com um ritual antes de compartilhar os conhecimentos, em seguida foi feita a preparação dos extratos com as ervas medicinais, na confecção dos sabonetes foi utilizado o extrato de algumas plantas, como, xanana, própolis, esquentai, jurema, alecrim e entre outros.

Dentre as plantas medicinais cultivadas na farmácia viva estão: Saião (*kalanchoe*), babosa (*Aloe vera*), urtiga-branca (*Urtica dioica*), camomila (*Matricaria chamomilla*), colônia (*Alpinia speciosa*), hortelã (*Mentha piperita*), manjeriço (*Ocimum minimum L.*), macassá (*Hyptis*), erva cidreira (*Melissa officinalis Linn.*), capim santo (*Kyllinga odorata H.B.K.*), malva-branca (*Sida cordifolia*). E vão sendo incluídas outras plantas que são consideradas importantes da medicina local.

Fotografia 8 - Farmácia viva - Aldeia Barra de Gramame



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos, outubro de 2021.

A farmácia viva é a materialização da troca de saberes tradicionais, entre os núcleos familiares da aldeia Barra de Gramame, representados em cada mulher.

Neste ponto, é importante destacar uma definição interna sobre as pessoas que residem na aldeia e as pessoas que pertencem à aldeia, mas pelo fato de ainda não ter o território demarcado oficialmente, até o momento não moram nela. O pertencer à aldeia para os Tabajara de Barra de Gramame está relacionado tanto ao fato de ter uma residência na aldeia, como também à ideia de participar do movimento de fortalecimento da identidade, acompanhar as pautas levantadas em reuniões, participar ativamente das reuniões, das atividades coletivas propostas, ou seja para pertencer a tal aldeia, seja a Barra de Gramame, aldeia vitória ou nova conquista, tem que ser ativo na luta política em busca da demarcação do território.

Portanto, a aldeia Tabajara é um núcleo de convivência e elaboração de estratégias, onde viveram e vivem os mais antigos “trancos velhos” a ideia de trancos velhos para os povos indígenas se assemelha à noção de árvore genealógica na

antropologia. Consequentemente dentro da ideia de árvore genealógica nasce a partir de uma união, nesse caso pensamos nos avós como esses mais antigos para representar o surgimento dessa árvore, portanto esses são reconhecidos como troncos velhos, ou seja as pessoas mais antigas dentro do território, por exemplo os bisavós, os avós, que guardam grande parte dos conhecimentos sagrados, conhecimentos tradicionais, que são repassados geração após geração. São os que condensam a história. Podemos exemplificar na fala de Eunice Bezerra (Iranã Tabajara), que faz parte do grupo moara, o circuito de saberes e sua partilha, a importância do uso correto e da escolha adequada das plantas medicinais, com o apoio dos conhecimentos dos mais velhos, assegurando a garantia da eficácia do remédio natural.

Aprendi muito sobre o uso das plantas com meu pai, que já faleceu. Aí quando alguém fica doente lá em casa, eu pergunto também a vovó, qual erva que serve para aquela doença, aí ela me diz. como eu mesmo tive um cisto no ovário e ela me disse quais remédios de erva do mato que serviam para fazer a garrafada, aí eu fiz e fiquei limpa, eu mesmo só tenho fé nos remédios das ervas, de farmácia eu não gosto não. Porque desde de nova aprendi a saber a força que as ervas tem pra curar qualquer doença, assim saiba utilizar direitinho. (Entrevista concedida em abril de 2022).

Esse aspecto evidencia ainda mais o objetivo do grupo de mulheres Moara, que é justamente fortalecer o conhecimento tradicional, com base no uso coletivo do território, e como algumas mulheres pertencentes a aldeia e ao grupo moram em outros espaços do território, além da aldeia, isso possibilita que o conhecimento circule para além do espaço geográfico de Barra de Gramame, contemplando o território Tabajara de maneira geral.



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos, julho 2021

O uso tradicional das ervas denota, claramente, a ocupação territorial dos Tabajara, no litoral Sul da Paraíba, uma vez que as ervas são coletadas em diversos espaços, a exemplo das restingas de mata existentes na aldeia Barra de Gramame, próximo ao mangue, nas falésias da praia, e também na APA - área de proteção ambiental de Tambaba, com menos frequência, mas com sublime importância no sítio dos caboclos. A pouca frequência na coleta das ervas medicinais, nesse último espaço se dá justamente pelo fato de ser uma propriedade privada, mas que antes era área de domínio do povo Tabajara¹⁴.

¹⁴ Ver relatório de fundamentação antropológica para caracterizar a ocupação territorial dos Tabajara no Litoral Sul da Paraíba, conforme Instrução Técnica Executiva nº 34/DAF/2009

CAPÍTULO 2 - SAÚDE INDÍGENA: LUTA, POLÍTICA E PRÁTICAS

Através de anos de luta e atuação do povo Tabajara ao longo do tempo, pelos direitos à saúde especializada, atualmente o povo Tabajara da aldeia Barra de Gramame e da aldeia vitória são atendidos pela equipe de saúde do DSEI Potiguara. Os atendimentos geralmente acontecem uma vez por mês na aldeia. A equipe conta com médica, enfermeiro, técnica de enfermagem e a equipe odontológica.

É importante assim debater e refletir sobre como os serviços públicos de saúde especializada indígena oferecidos pela SESAI, dialogam com as práticas tradicionais da medicina local indígena, refletindo, em que medida, esses serviços complementam a saúde local do povo indígena Tabajara e como esse povo, a partir da medicina tradicional, continua produzindo vida, agenciando elementos ecológicos, históricos, patrimoniais, cosmológicos e territoriais como símbolos da resistência e eficácia do conhecimento da medicina tradicional.

Fotografia 9 - Atendimento médico, realizado pela SESAI na aldeia Barra de Gramame



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima, outubro de 2020.

Contudo, dentro do território Tabajara o debate sobre a importância dessa integração de saberes entre os conhecimentos tradicionais e os conhecimentos médicos, e também sobre a efetivação de políticas públicas de atenção à saúde para o povo Tabajara, tem ganhado corpo e tem chegado às esferas públicas e políticas de debate, a partir das discussões propostas em conferências, assembleias e reuniões que as lideranças e conselheiros da saúde têm participado. Para exemplificar esse momento, recentemente Cacique Carlinhos e Cacique Ednaldo, escolhidos pelo CONDISI - conselho distrital de saúde indígena, participaram da VI Conferência Nacional de Saúde Indígena (CNSI) realizada de 14 a 18 de novembro de 2022, em Brasília-DF, no Centro Internacional de Convenções do Brasil (CICB).

O evento foi organizado pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS) e a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI), do Ministério da Saúde. Foram realizadas conferências locais e distritais que resultaram em 258 propostas divididas em 7 eixos temáticos. Com o objetivo de reunir lideranças e representantes indígenas de todo Brasil, com intuito de atualizar a Política Nacional de Saúde Indígena (PNASPIP), definir diretrizes e investimentos e efetivar particularidades étnicas e culturais no modelo de atenção à saúde dos povos indígenas.

Ao final dos debates foram feitos um relatório e uma minuta da Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas com o objetivo de melhorar a saúde dos povos indígenas nos próximos anos.

Fotografia 10 - Cacique Carlinhos e Cacique Ednaldo Tabajara na VI conferência nacional de saúde indígena (CNSI) em Brasília-DF.



Fonte:Arquivo pessoal Cacique Carlos Tabajara. Novembro de 2022.

Ressaltamos que essas ações evidenciam a necessidade de atualizaçõesnecessárias dentro da saúde indígena, para atender as especificidades de cada povo.

Trazendo a importância das conferências em todas as suas etapas, desde as locais, distritais, às nacionais. A última CNSI - Conferência Nacional de Saúde Indígena tinha acontecido em 2009.

Na Conferência Nacional são discutidas todas as demandas do distrito sanitário, vinculadas à decisão dos conselhos, portanto essas conferências exercem uma pressão junto à SESAI para que medidas sejam tomadas.

2.1 POLÍTICA NACIONAL DE SAÚDE INDÍGENA

No Brasil, a criação da Secretaria Especializada de Saúde Indígena SESAI configurase como um importante passo no reconhecimento das práticas tradicionais complementares de saúde entre os povos indígenas. Isto ocorre como resultado da luta indígena ao longo de muitos anos buscando a efetivação de políticas de saúde, que atendam de maneira funcional às demandas das populações indígenas no Brasil.

As populações indígenas necessitam de uma assistência à saúde especializada, levando em consideração suas especificidades multiculturais, territoriais, ecológicas e cosmológicas, algo que, após muitas lutas, foi formulado a partir das Conferências Nacionais de Saúde para os Povos Indígenas, mais especificamente na I Conferência Nacional de Proteção à Saúde indígena, realizada em 1986. Destacam-se os princípios referentes à tolerância e respeito à diversidade cultural dessas populações, conjuntamente com o reconhecimento e a incorporação das práticas terapêuticas indígenas aos serviços de saúde que lhes seriam dirigidos. Pressupõe-se também a participação indígena na gestão dos serviços de atendimento em saúde (BRASIL, 2000; LANGDON, 2004).

Com a Lei 9.836 de 23 de setembro de 1999, houve a implantação dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas no País, os chamados (DSEI). Atualmente são 34 (DSEI) distribuídos no país, que atendem a 311 etnias. O controle desse órgão conta com a instância permanente, consultiva e propositiva dos conselhos distritais de saúde indígena os chamados (CONDISI) que é composto por indígenas. Os conselhos distritais encaminha ao conselho local as discussões referentes às ações e serviços de saúde em sua área de abrangência¹⁵.

Neste mesmo ano, ou seja 1999, dá início à Política Nacional de Saúde Indígena e remete, ao Ministério da Saúde, o papel principal por essa implantação. Sendo de responsabilidade da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) coordenar e executar a política nacional de atenção à saúde dos povos indígenas e todo o processo de gestão do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena (SasiSUS),

¹⁵ vide Plano Distrital de Saúde Indígena – quadriênio 2020 – 2023).

cabendo ao Subsistema de atenção à saúde indígena, organizado por meio dos Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEI) efetivar a garantia desse acesso.

Neste contexto, as políticas públicas de acesso à saúde especializada estão sob pressão de forças políticas e são a expressão marcante de tensões, descontinuidades, fragmentações econômicas, sócio políticos, historicamente conflitantes. Esses tensionamentos também são interessantes de serem analisados por que nos mostram a repressão e o descaso do Estado para com a saúde dos povos indígenas nesse país, que é violentamente colonizado por forças contrárias à existência e reprodução das populações tradicionais.

O diálogo entre os povos indígenas e as políticas públicas estabelecidas pelo Ministério da Saúde através da SESAI se dá a partir do CONDISI (Conselho Distrital de Saúde Indígena). Este conselho representa o diálogo entre as especificidades de cada povo e suas demandas que são levadas ao conhecimento do órgão indigenista. Essas demandas são pensadas e construídas através do Conselho Local de Saúde que é composto por representantes de cada aldeia em diálogo com os representantes do CONDISI.

O Conselho Distrital de Saúde Indígena da Paraíba é formado por representantes indígenas Tabajara e Potiguara. O povo Tabajara possui um único representante ocupando a vaga no CONDISI. Atualmente, esse representante é o cacique Carlos Tabajara. Esta pessoa é responsável por levar para a discussão as demandas das três aldeias do povo Tabajara que são construídas a partir do Conselho Local de Saúde Indígena, que entre os Tabajara atualmente são 12 representantes, 6 titulares e 6 suplentes.

2.2 PRÁTICAS E SABERES DA MEDICINA TRADICIONAL TABAJARA

Uso aqui a ideia de experiência como categoria para melhor entender o universo deste estudo. Durante o processo de entrevistas, recorri ao pajé Biu Tabajara. Sendo que eu tratei aquele momento como conversa sem chamar de entrevista, já que a interação transcorria espontaneamente, sem um jogo específico de perguntas e respostas. A maneira mais fluida que encontrei para mantermos um elo de diálogo mais profundo. Esse mesmo método utilizei para todas as entrevistas/conversas que compõem essa pesquisa.

Então numa tarde de fevereiro de 2021, eu e meu companheiro Juscelino, fomos recebidos pelo Pajé Tabajara, debaixo do pé de manga em frente a sua casa, e dentre os

diversos diálogos que tivemos naquela tarde, ele ia nos contando com entusiasmo, sobre as diversas técnicas de caça praticadas no território Tabajara, sobre os remédios da mata, os que envenenam e os curam dependendo da dose administrada, enquanto ele falava, eu era tomada por uma espécie de paz na alma, que eu não consigo descrever até agora. Pajé Biu Tabajara é como um ser/biblioteca com uma memória impressionante, cheia de conhecimentos análoga à tecnologia dos smartphones e ipads, é como se esse ser/biblioteca fosse aberto em plena mata, diante de nós, e a gente só ia realmente entender quando tivesse que praticar ou repassar adiante aquele saber.

Enquanto ele ia falando, e dando muitos exemplos práticos, eu acendi meu pawí e seguí anotando incansavelmente as receitas de remédios para cuidar da saúde, e enquanto eu fumava, eu anotava as plantas utilizadas, depois de mais de hora de conversa, ele foi nos mostrar um couro de maracajá, que na cultura Tabajara serve para proteção espiritual, esse couro ele havia recebido de presente de um parente, em seguida ele nos levou até uma casinha de barro que ele guarda suas ferramentas de trabalho, essa casinha fica do lado da sua casa de dormida, lá ele nos mostrou ovos de camaleão, que ele prepara como remédio natural, que segundo ele, serve para fortalecer as vitaminas do corpo e dá mais saúde.

Enquanto isso algumas reflexões pertinentes a nossa conversa anterior, ficaram rondando minha cabeça, e eu decidi puxar a prosa de novo, fui perguntando a ele se ele não se incomodava de perguntar, ele disse - quem não sabe pergunta, é a única forma de saber - Eu achei engraçado, sorrimos e eu continuei...

- Pajé, o que seria saúde plena? Qual remédio da mata serviria para curar o adoecimento da alma?

E é claro que essas perguntas não foram respondidas de maneira específica e objetiva, é preciso acionar também a subjetividade, noções de espiritualidade, crenças e doses de fé. Ao longo das respostas as inquietantes perguntas que eu havia feito, o pajé Biu Tabajara, falou assim...

“Minha filha todos os dias temos que investir na cura”. “Ir para o meio da mata, encher os pulmões de ar puro que vem das plantas, tomar um banho de rio”. Tudo isso faz parte de uma boa saúde”. (Entrevista concedida pelo Pajé Biu Tabajara, em fevereiro de 2021).

Há uma multiplicidade de saberes que circula entre o povo Tabajara, e há a preocupação de que este conhecimento seja mantido. Pajé Biu Tabajara é um dos detentores de preciosos saberes, sobretudo sobre a medicina tradicional Tabajara e essa conversa que foi bem no início desta pesquisa, foi muito norteadora para o desenrolar dos caminhos da pesquisa que seguiu. Isso me levou a refletir sobre a importância dos próprios conceitos nativos para pensar o termo medicina, ampliando as classificações para pensar medicina tradicional Tabajara.

Pensando sobre essas pessoas detentoras de saberes sobre práticas e saberes fincados na cultura Tabajara, destaco também o Cacique Carlinhos (Arapuã Tabajara), é neto de Antônio Piaba, avô Paterno, filho de Maria José da Silva Tabajara e Manoel Francisco nascimento conhecido como Neco Piaba, um dos troncos do sítio dos caboclos, neto de Silvino Bispo dos Santos, filho de Antônia Rosa Maria dos Santos. Ele nos revela que caboclos são energias sagradas que se relacionam com as plantas e com os espaços naturais. Na medicina tradicional não tem uma cartilha, ensinando sistematicamente o processo de cura, as rezas, os cânticos, tudo é repassado oralmente, através das múltiplas práticas cotidianas.

É importante enfatizar também os laços temporais e a importância da memória social, ancestral, centrada nos conhecimentos repassados pelos anciãos do território.

Seu Biu possui este conhecimento das árvores, por vir de uma família de caçadores, como também por ser comprador de carvão para a revenda, portanto, desde jovem esteve em contato direto com árvores de distintas espécies, onde diversas vezes comprava este produto a meu bisavô piaba que construía carvoeiras em Barra de Gramame, possuindo também o mesmo conhecimento de diversas classes de madeira. Para essa última atividade, faz-se necessário que o indivíduo conheça bem qual tipo de árvore foi usada na produção do carvão, facilitando assim a conservação do conhecimento sobre as espécies existentes no ambiente, e sua função no desenvolvimento das atividades domésticas, ajudando na reconstrução de atividades póstumas. (SOUZA, P. 33, 2020)

Essas práticas de autocuidado com plantas medicinais representam uma dentre as alternativas a serem usadas no itinerário de cuidados, minuciosamente organizado, e que indicam também como esse povo valida e repassa as suas práticas através do tempo.

Portanto, a medicina dos primeiros habitantes do Brasil era e é dotada de observações empíricas, e foi através disso que uma verdadeira farmacopeia de medicamentos, com base em ervas dotadas de reais virtudes terapêuticas, encontradas nas matas. Os povos indígenas sempre produziram uma espécie de epistemologia nativa, que é alimentada na ciência do território. (acerca disso ver KOPENAWA, Davi (2015) e POTIGUARA, Eliane (2004).

O acesso itinerante ao tratamento com plantas medicinais, constitui uma prática antiga repassada de geração em geração, que através da oralidade, esses conhecimentos são transmitidos para as gerações seguintes e se revela como uma potência de circulação do conhecimento tradicional Tabajara escrito ou não escrito promovendo conseqüentemente uma autodemarcação.

As práticas de manutenção da saúde estão presentes na memória e na transmissão oral de conhecimentos tradicionais Tabajara. Podemos ver explicitado na fala do ancião João, da aldeia Barra de Gramame, quando perguntado se ele já curou muita gente na região, diálogo retirado do curta metragem “*Dentada de cobra*¹⁶”,

João - “Já curei um pouquinho por aqui, mas intê agora tem passado bem o povo, né? Antigamente era mais, mas agora o povo tem passado bem”.

Juscelino - Hoje em dia o pessoal não quer mais saber dessas histórias, quer mais ir pra médico, né?

João - É isso mermo! Vai pra médico, aí quando chega, ele dá uma injeção, uma coisa, aí pronto corta o veneno. Mas o remédio já foi construído, como diz a história, através do povo mermo.”

Nesse diálogo, é possível refletir que o conhecimento tradicional contribui para a formação da medicina alopática como conhecemos hoje. É preciso reconhecer a participação indígena no fazer científico e epistemológico, essa reflexão contribui para o processo de descolonização das mentes e corpos, atravessados pelo processo de invasão dos territórios tradicionais e usurpação dos saberes que aqui já existem e resistem.

¹⁶ Curta-metragem dirigido por Juscelino Tabajara, Diogo Augusto e Erickerson Gonçalves, em 2015. Publicado na I Mostra de filmes Arandu. Disponível <https://mostraarandu.blog/2020/08/23/dentada-de-cobra/>

Quase todos os cronistas, religiosos, médicos e viajantes, tanto portugueses como holandeses que vieram ao Brasil nos séculos XVI e XVII, apontavam, com entusiasmo, para a grande variedade e riqueza das plantas medicinais brasileiras e, sobretudo, para os bons resultados obtidos através do uso terapêutico desses vegetais. (MIRANDA. p. 225)

As vivências em campo são amplas, múltiplas e repletas de significados que levaram a instâncias de entendimento integrados, percebendo primeiramente que os cuidados com a saúde se dão por vias múltiplas, agenciando itinerários terapêuticos e de cuidado e ampliando campos de diálogo entre a medicina tradicional local e o acesso ao atendimento médico oferecido pelo SUS e pela SESAI.

CAPÍTULO 3 - TERRITÓRIO INDÍGENA LUGAR DE PRODUÇÃO E TRANSMISSÃO DE SABERES

Diante dos possíveis caminhos percorridos para manutenção e preservação da vida, memória e saúde, são agenciadas diversas práticas e recursos dentro do território Tabajara.

Essas práticas estão associadas a dimensões subjetiva, cosmológica, social, política, econômica e cultural, que vão interferir na forma como as pessoas e, nesse caso, o povo Tabajara, acessam e utilizam os serviços formais de saúde oferecidos pela SESAI e o SUS e exercitam práticas locais de cuidado à saúde, que incluem autocuidados locais. Por exemplo, desde o uso de plantas medicinais, pondo em circulação saberes etnobotânicos, até dispositivos da medicina alopática, acionando assim uma trajetória que na literatura socioantropológica descrevemos com o termo itinerário terapêutico ou de cuidado, que se caracteriza pela escolha de estratégias e agenciamentos eficazes nesse processo de busca por saúde, expressando práticas de cuidado de naturezas diversas e enfatizando o caráter físico, biológico, cultural, dinâmico, múltiplo e participativo dessa rede de cuidados. (CABRAL, HEMÁEZ, ANDRADE, CHERCHIGLIA, 2009).

Buscamos apresentar desdobramentos em termos de significados, narrativas, organização política e social, singularidades e saberes específicos fincados em elementos da cultura Tabajara, que se relacionam com os cuidados com a saúde, a partir da medicina tradicional em circulação dentro do território, com seus significados e estratégias de sobrevivência e transmissão de seus fazeres e saberes que constituem fontes relevantes na produção de conhecimento entre o povo Tabajara.

No itinerário de cuidados, diversos fatores estão envolvidos e influenciam diretamente no processo, desde a utilização dos serviços de saúde pública, sendo responsabilidade da SESAI (Secretaria Especial de Saúde Indígena) assegurar esse acesso, até práticas locais que visam à conexão com a manutenção da saúde.

O acesso aos serviços de saúde, disponibilizados pela SESAI, sofrem a influência de uma problemática concreta e complexa de fatores que dificultam esse acesso, como a não demarcação da TI Tabajara, pois por não ter ainda o reconhecimento oficializado da TI em que vivem, não existe uma UBS (Unidade Básica de Saúde) dentro da aldeia. Isso

gera a dificuldade de acesso a certos serviços, como exames específicos e consultas ginecológicas, levando à adoção de estratégias de enfrentamento a esses problemas por parte dos Tabajara, problemas esses impostos pela falta de acesso integral aos serviços públicos diferenciados de saúde indígena.

Diante da necessidade de união dos povos tradicionais na luta em defesa de seus direitos e territórios, em 1990, nasce as organizações indígenas APOINME¹⁷ e APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, Tendo como objetivo a luta pelos territórios e articular as lideranças dessas regionais na luta por seus direitos.

Esse ano de 2022, a APOINME completa 30 anos de atuação junto a cerca de 70 povos em territórios de 10 estados (Alagoas, Bahia, Ceará, Paraíba, Sergipe, Piauí, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Minas Gerais e Espírito Santo).

A grande motivação para estruturação do movimento indígena é justamente o território indígena. Pois é nele que circula os mais diversos conhecimentos, é onde o sagrado se manifesta em toda sua dimensão semântica, onde as práticas culturais, são repassadas, onde as relações de parentesco se estabelecem, as crenças, as estratégias de resistência, às formas de organização interna e externa são articuladas. Ou seja, a vida, sentimentos de pertencimento e alianças dos povos são ancorados nos processos de luta pela demarcação de terras, saúde, educação, organização social, culturas e identidades.

O território é considerado como um importante elemento que alimenta e constitui o ser Tabajara no mundo. São corpos em conexão com o território, numa simbiose profunda e intensa, se gerando e inter cruzando em si “linhas de vida, linhas de crescimento, como um processo em aberto no qual o homem não pode ser pensado como separado do ambiente; ambos, homem e ambiente, estão em um processo de desenvolvimento e são produto dele”. (INGOLD, 2013. p.329).

Ancorado no território, o saber é corporificado, constituindo os Tabajara como um corpo coletivo, em diálogo com o corpo território. Para linhas de argumentação, o corpo funciona como mediador das ações voltadas para o território. Compreendido na trama social de sentidos e objeto de representações ritualísticas, sociais, econômicas e políticas, bem como na linguagem, nas práticas, e em cada movimento da cultura. O corpo

¹⁷ Articulação indígena sem fins lucrativos, dos povos e organizações indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo.

é o primeiro elemento sobre o qual a cultura impõe a sua marca (LE BRETON, 2016). É nele que comumente se manifestam sentimentos, gostos e crenças de um povo, de uma sociedade, de uma cultura.

O corpo é ativo na vida social e situado politicamente, o corpo e o território são indissociáveis nas representações coletivas, construídas por múltiplos significados, que estão continuamente imersos em torno do corpo político do território.

Nessa perspectiva, compreendemos que a organização do mundo de um modo geral está relacionada com o nosso corpo e as relações que estabelecemos com o universo que nos cerca cotidianamente, sendo este uma expressão de poderes e saberes que se articulam estrategicamente em sociedade (FOUCAULT, 2010).

Numa dinâmica interativa, o corpo do indígena Tabajara interage com o corpo do território, a partir das práticas, técnicas e saberes. O corpo é aqui pensado como lugar que guarda e aciona a memória, saberes daquilo que é aprendido, como as pinturas de grafismos, os artesanatos. Compreendendo que o território e a cultura são os elementos centrais na constituição da identidade Tabajara.

Para Geertz (1989), a cultura deve ser compreendida como uma rede de significados que incluem conflitos e relações de poder presentes nas sociedades. Trata-se de uma construção simbólica do mundo sempre em transformação, no qual os atores sociais escrevem e reescrevem o texto cultural inseridos em determinado contexto, dentro do qual interpretam, organizam e dão sentido à sua existência.

Em um mundo atravessado pelo imperialismo e colonização, a sobrevivência dos saberes tradicionais ocupa um espaço muito importante no tempo histórico, nos elementos narrativos e na convivência dos povos indígenas. Saber plantar, saber cultivar, saber colher, saber usar plantas medicinais de seus territórios. Esses saberes são historicamente sujeitados ao soterramento, porém

(...)Essas atividades, que se reconstróem tendo em vista os fluxos de saberes relacionados a atividades produzidas pelos antepassados, são possíveis em alguns casos, pelo que vou chamar de atividade prima. Ou seja, aquela que não era tão diacrítica e por isso não foi proibida.

Pensar o sagrado como um modo de conhecimento, é também perceber que os antepassados, consciente ou inconscientemente deixaram os

códigos para um futuro em que suas gerações pudessem reconstruir essas atividades; chamo essas atividades de primas pelo fato de apesar de não serem iguais, continuam mantendo traços de familiaridades com aquelas que foram deixadas de serem desenvolvidas, por desejo ou por opressão. (SOUZA, P. 31, 2020)

Portanto, adiante incorporo vigor a discussões socioantropológicas em relação ao saber/fazer local, práticas de saúde tradicional do povo Tabajara. Ao que tudo indica essas práticas estão em constante processo de transformação, seja a um nível, biofísico, corporal, subjetivo, cosmológico, coletivo, bioquímico ou energético.

Esses processos provavelmente se dão a partir de combinações fluídas de múltiplos elementos que envolvem princípios variados com a cosmovisão propriamente nativa, intensos modos de produzir vida e revigorar a saúde física e espiritual de seus corpos. Possibilitando as interações sociais necessárias, fortalecendo as relações locais, potencializando o pertencimento memorial e territorial e sua múltipla teia de significados (GEERTZ, 2008).

A ida a alguma benzedeira/curandeira também é uma opção dentro do itinerário das práticas de saúde tabajara, sobretudo como meio de afastar algum mau olhado, quebranto, "peitos abertos, espinhela caída", entre outras doenças consideradas espirituais ou físicas que não foram solucionadas com outros tratamentos.

Por exemplo, o problema de saúde da criança de 2 anos Cecília, filha de Jaqueline, que também faz parte do grupo de mulheres moara. A criança estava doente há quase uma semana, com vômito, diarreia constante e desânimo. Ela já havia levado ao médico, a criança tomou os medicamentos industrializados, já tinha dado chás de ervas medicinais que sua avó tinha indicado e a criança não melhorava. Foi quando Jaqueline Tabajara, filha do cacique Carlos, decidiu levar a criança numa benzedeira, próxima da sua casa, nas proximidades do Ademário Régis. Por sinal, essa benzedeira é muito conhecida na região. Inclusive seu Nequinho a cita em diversos contextos de rezas.

No dia seguinte ao benzimento, segundo a mãe Jaqueline, a criança já se apresentava sem nenhum sintoma. Em conversa conosco durante uma reunião mensal na oca, Jaqueline nos contava sobre a fé que tem no poder do benzimento. Narrativas como essa estabelecem sua demarcação de vivência a partir do pressuposto da fé, que interpretam a indisposição infantil como um possível (mau-olhado), quebranto.

Trago também a narrativa de Nequinho Piaba (71 anos), sobre a cura que Dona Zefa do sítio dos caboclos fez numa senhora que chegou até a casa dela com uma farpa de pau no pé. Ela fez a reza e, com algum tempo, a ferida cicatrizou e, algum tempo depois, o pedaço de pau, que tinha ficado dentro da perna dela, saiu.

Portanto o percurso da escolha do itinerário de cuidados está associada a essa multiplicidade de elementos subjetivos, coletivos, ecológicos, políticos, sociais e cosmológicos, como a percepção ampla da ideia de doença e cura, as práticas culturais de cuidado locais, políticas de acesso, a disponibilidade e qualidade desses serviços de saúde oferecidos pela SESAI. Assim, faz-se necessário entender e ampliar o olhar para tal problemática, assim como evidenciar a concepção cosmológica desse povo indígena em relação à saúde, doença e cuidados locais, agenciados dentro da dinâmica política, territorial, ecológica, cultural, corporal e espiritual. A circulação desses elementos merecem atenção, pois produz contínuos significados e traz visão às práticas de cuidado, especificidades socioculturais como a etnobotânica (uso das plantas da região), informações sobre as experiências vividas, envolvendo conhecimentos locais, incluindo a estrutura territorial, o pertencimento à terra e a sistemas linguísticos, discursivos e ritualísticos que eventualmente sejam produzidos ou agenciados.

Dentro da cosmovisão Tabajara existem conhecimentos biofísicos e bioquímicos das plantas, há padrões na colheita e uso das plantas. Eles têm horário, local, quantidade e maneira específica para colher e utilizá-las. Conceitos que os Tabajara entendem como parte do processo de preparo de um remédio natural, sua eficácia e cura, como bem nos diz o cacique Carlinhos Tabajara:

“Só dessa maneira o remédio vai ser eficaz e curar a doença”. Se vai tirar um remédio, não pode tirar na beira da estrada, porque passa muita gente, tem que pegar dentro da mata, só cura se for assim”.

Tem que pegar na mata 5, 3 ou 7 ervas, tem que ser sempre, “none¹⁸”. Se não for uma quantidade de raízes “none”, não funciona. (Entrevista concedida pelo cacique Carlinhos Tabajara em novembro de 2020).

¹⁸ None. Sobre esta definição, percebi que é uma palavra que se contrapõe à ideia de números pares, ou seja, o none, é uma definição nativa, que pode ser relacionada com a ideia de números ímpares.

Existem ervas ligadas ao parto, à fertilização, que auxiliam no ciclo menstrual e na gravidez. Tem plantas que atuam na combinação com outras, provocando efeitos bioquímicos e energéticos no corpo. Isso é fruto de experiências empíricas muito antigas, já praticadas pelos ancestrais desse povo, dentro do território Tabajara, como por exemplo

Se tomar o chá de alecrim de caboclo, “abre” o corpo¹⁹.

Colher o alecrim e deixar dentro da água a noite e no outro dia de manhã, tomar banho da cabeça aos pés. Serve para combater a sinusite e para a saúde da cabeça.

Ainda para a sinusite faz chá de erva doce com açúcar ferver para tomar, ajuda na cura da sinusite. Como também é indicado inalação natural de chá de capim santo. (Entrevista concedida por D. Maria Tabajara, 71 anos, anciã da aldeia Barra de Gramame).

Há todo um cuidado na colheita e uso dos remédios naturais. Percebemos que a fronteira entre o físico e o metafísico é tênue. Ambos estão em constante diálogo entre este povo, como podemos ver no trecho a seguir de uma conversa com o Cacique Carlos Tabajara

“Fé no alecrim de caboclo, é importante defumar a cozinha onde faz a comida, essa defumação com alecrim de caboclo é bom para clarear a caça e a pesca. De repente as coisas clareiam, também é bom defumar o local onde o remédio é preparado”. (Entrevista concedida em novembro de 2020)

Essa explicação remete à ideia de que, para os Tabajara da aldeia Barra de Gramame, a fumaça cheirosa do alecrim de caboclo, encontrado nas barreiras de falésias, local onde a terra é mais resistente de ser penetrada, expulsa qualquer tipo de energia negativa, promovendo bons resultados em qualquer atividade que for feita após a defumação. Em muitas casas na aldeia no momento da virada do ano, ou quando as coisas não estão caminhando positivamente dentro da luta, os Tabajara costumam fazer a

¹⁹ Abrir o corpo, categoria nativa, que nesse sentido está relacionado a uma compreensão metafísica, ligada ao corpo espiritual, que estando ferido, acaba afetando o corpo biológico. Essa ferida no corpo espiritual aqui referida, está relacionada com a ideia de baixar as defesas, diminuir as forças, ficar sem proteção, então imune para o que vier lhe atingir.

defumação de suas casas e oca com alecrim de caboclo, acreditando que traz boa sorte para o que se inicia, ou pretende fazer, há também o costume de fumar cachimbos com alecrim de caboclo antes dos rituais para convocar a fumaça cheirosa, a trazer boas energias para o espaço coletivo e bons resultados durante as tomadas de decisões e ao mesmo tempo que expulsa as negatividades e faz a limpeza do ambiente que circulam.

Fotografia 11 - Ida à mata para retirada de casca de árvores e plantas para o feitiço de garrafadas



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima, julho 2021

As plantas e árvores ocupam uma centralidade na vida cotidiana e consequentemente na formação dos usos, costumes e tradições do povo Tabajara. Não tem como falar de plantas sem pautar a temática território.

O território é local onde as relações sócio ecológicas e culturais são desenvolvidas, à base de compreensões partilhadas, permitindo a afirmação da identidade e a luta coletiva pela garantia às terras tradicionalmente ocupadas, além de direitos específicos assegurados pela LEI Nº 6.001, DE 19 DE DEZEMBRO DE 1973, que dispõe sobre o *Estatuto do Índio*²⁰, e como está exposto no Art. 231 e 232, a saber:

Art. 231. São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários

²⁰ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6001.htm

sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens.

Art. 232 - Os índios, suas comunidades e organizações são partes legítimas para ingressar em juízo em defesa de seus direitos e interesses, intervindo o Ministério Público em todos os atos do processo (BRASIL, 1988).

Portanto, a ocupação e utilização tradicional do território, através das atividades cotidianas, dão sustentação à necessidade da demarcação territorial do povo Tabajara. Para enfatizar, segue o relato do pajé Biu Tabajara, captado por Sousa (2020) sobre o papel dos processos técnicos no fortalecimento da identidade indígena no litoral Sul da Paraíba:

Lembro-me de uma conversa informal com Biu (pajé da Aldeia Barra de Gramame), em que ele me falava sobre a importância das árvores e plantas, afirmando que todas estas, possuem uma missão de cura, que só caberia a nós buscarmos o contato mais próximo com a natureza para podermos entender para que serve cada uma delas. Nesta mesma conversa lembro-me de perguntar se ele já havia feito um arco para atirar flechas. O mesmo respondeu que não. Logo mais perguntei se ele saberia qual árvore daria um arco flexível e forte. Após um curto período de tempo pensando, ele responde que uma árvore que possui essas características seria o Miúm. Esta madeira sempre foi usada para vara de anzol, em que o mesmo afirma que esse tipo de madeira, mesmo fino, serve para a captura de peixes de aproximadamente 5 kilos. Ou seja, mesmo sem nunca haver feito um arco, pessoas como seu Biu possuem uma base de conhecimento necessário para o desenvolvimento de um instrumento como este, como também outros objetos similares que necessitam de madeiras fortes e flexíveis. As formas de construção dos instrumentos mudam, como também mudam as atividades e fins para que eles são usados, mas o produto bruto necessário que serve como base para a construção dos mesmos continua igual. (SOUZA, 2020, p. 32)

Se faz necessário diante do processo sócio histórico de colonização, genocídio, epistemicídio e ecocídio, compreender as diversas reivindicações no campo das políticas públicas, que giram em torno da busca por uma atenção à saúde diferenciada, demarcação do território, que consideram as especificidades socioculturais do povo Tabajara e sua medicina tradicional local.

Fotografia 12 - Plantio de ervas medicinais na farmácia viva das moara



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima, dezembro 2020

A iniciativa de reflorestar a aldeia com plantas e árvores nativas, assim como cultivar solos limpos de resíduos materiais, é um dos principais objetivos para proteger as nascentes, rios, mangue e o mar. Isso é uma preocupação do povo indígena Tabajara, e, segundo o cacique Arapuã, só assim estaríamos investindo no futuro de nossos filhos, netos e sucessivas gerações, garantindo-lhes água potável, alimentação sem agrotóxicos e recuperando as plantas que servem para remédio. Dessa forma é possível transmitir conhecimento para as gerações seguintes, de como utilizar as plantas, suas folhas, frutos, raiz, casca, galho e como cultivar o solo e preservar a mata, os rios, mangues e mar limpos.

Fotografia 13 - Plantio de ervas medicinais na farmácia viva das moara



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima, dezembro 2020

O território Tabajara é também fonte de inspiração para muitos torés e cânticos sagrados, que rememora a ancestralidade, espiritualidade e força historicamente presente nesse espaço. Os torés, são cânticos de força, recebidos em momentos específicos de conexão com a espiritualidade.

3.1 TORÉ TABAJARA

*Firmei a minha maracá num matumbu de areia
e pedi a tupã meu deus que proteja a minha aldeia
e pedi a tupã meu deus que proteja a minha aldeia
meu pai do céu e de tudo que há
meu pai do céu e de tudo que há
das águas do rio, dos peixes que tem,
dos bichos da mata, plantas sagradas, das aves do ar.*

O Toré acima é um dos Toré do povo Tabajara. O toré tem um caráter importante na dimensão da comunicação com os encantados²¹. É uma prática coletiva, e realizada em diferentes espaços. É uma maneira de propagar as tradições indígenas, além de uma expressão sociocultural, pois proporciona trocas culturais junto a outras etnias, demarca o específico de cada povo e sendo um demarcador de fronteiras étnicas, é um demarcador da identidade étnica Tabajara. É político, pois é utilizado nas mobilizações sociopolíticas, na reivindicação dos direitos, mas é também da dimensão do sagrado, sendo uma herança deixada pelos antepassados, que deve ser preservada, guardando segredos e mistérios. “As interpretações, as pesquisas, os olhares acadêmicos são muitos, porém cheios de incertezas, com a imponderabilidade da tradução” (GRÜNEWALD, 2005, p.25).

Para pensar ainda a questão do toré como ritual, chamamos Turner (1974), como estudioso da experiência humana, para pensarmos questões de processos, rituais, símbolos, estrutura, regularidades, formas de existência que se expressam nos rituais, nos permite apreender elementos mais profundos da experiência humana na forma social, que organizada gera a forma ritual. O ritual permite a capacidade de produzir o reavivamento da cultura. Seria impossível compreender a condição humana sem os rituais. Pois a condição humana é altamente conectada com as formulações rituais. São caminhos que constroem efeitos no mundo social. Para tanto, MARQUES, 2015, nos diz:

²¹ Segundo a cosmologia, Tabajara corresponde aos seres protetores da natureza, do rio, do mar, do mangue, das árvores, na terra, no ar, no fogo.

Para Oliveira (2005) e Grunewald (2005) o toré é um fenômeno complexo, pois é a materialização das coletividades indígenas. Desse modo, Oliveira (2005, p.10) diz que como um caleidoscópio o toré reordena e elabora saberes múltiplos sobre a natureza, o tempo e o imaginário social, celebrando a vida, a criação permanente e afirmando a possibilidade futura de uma comunidade imaginada e benfazeja em todos que dele participam. É no Toré que esses indígenas buscam dissipar a sua invisibilidade e preconceito provenientes de nossa sociedade autoritária, tal como propugna Marilena Chauí (1986) em seu livro *Conformismo e Resistência*. O toré une, mobiliza e diferencia. Esse sinal indígena é distinto entre os grupos étnicos. A música, a forma de dançar e a organização do grupo denotam o “complexus dos torés do Nordeste” (GRUNEWALD, 2005) que a partir da década de 1920, foi caracterizado pela agência indigenista – SPI, como sendo o símbolo de indianidade desses grupos. (MARQUES, p. 252)

Trazemos aqui também o pensamento de LEACH (1954), para refletirmos a dimensão comunicativa que os rituais têm. “Os ritos podem alterar o estado do mundo porque eles invocam poder. O poder do ritual é tão real quanto o poder de comando” (p. 525). Partimos do pressuposto de que, ao realizarem o Toré, os povos indígenas do Nordeste tentam alterar o estado do mundo, invocando poder, ao mesmo tempo em que reafirmam a sua posição em relação ao sistema maior, posição referida a um tempo pretérito, o tempo dos antigos.

Na Barra do Gramame tem uma aldeia encantada. (2x)

No vento da maresia, no romper da madrugada. (2x)

O toré é uma maneira de fortalecimento da cultura, do corpo, do espírito e da coletividade. “O Toré, como sinal diacrítico maior da indianidade na região, tem também histórias descontínuas, difusas, esquecidas e lembradas, recontadas, reinterpretadas, construídas, imaginadas e, obviamente vividas” (GRÜNEWALD, 2005, p.17).

Gavião penerou, penerou

ôoh já vai chover (2x)

Eu vou agradecer a quem?

A Tupã vou agradecer. (2x)

Urubu assoviou

ôoh já vai chover (2x)

Eu vou agradecer a quem?

A tupã vou agradecer.

Aruá fez um ninho fora d'água

oh já vai chover (2x)

Eu vou agradecer a quem?

A tupã vou agradecer.

O toré traduz um ambiente. O toré acima faz referência à observação do que acontece na natureza, quando vai chover.

O corpo Tabajara assim como o Toré por ele apresentado, existe e re(existe) através da memória e a partir da reelaboração necessária para sua existência. É uma construção que caminha com o tempo, tanto o tempo que se foi, como o que virá. O corpo político indígena afirma sua etnicidade e se mostra em pleno século XXI com cada vez mais força, para reivindicar direitos usurpados ao longo dos séculos, mas também para reavivar a história ancestral presente na corporeidade e na cultura que se restabelece mesmo com enfrentamentos e preconceitos. O Toré Tabajara que re(existe), está no corpo do mais jovem ao mais velho, é o ritmo, pulso dividido entre vários povos indígenas que realizam o Toré em sua tradição. Assim, o povo Tabajara da Paraíba tem encontrado no Toré e na sua cultura meios para reviver, dando continuidade ao que por um longo tempo lhe foi usurpado, a permissão de manifestar-se culturalmente e o direito de viver. (RESENDE, p. 1637, 2019).

Geralmente ao final de algum ritual ou atividade que envolva o toré é cantado o seguinte toré, como sinalização do fim das atividades ritual.

Eu vou voltar pra minha aldeia, junto com meus encantados, com a força de tupã o trabalho está terminado. (2x)

O trabalho está terminado, vamos logo minha gente, acredito que por hoje a força tá suficiente. (2x)

Eu vou voltar pra minha aldeia, junto com meus encantados, com a força de tupã o trabalho está terminado.

O trabalho está terminado, vamos logo minha gente, acredito que por hoje a força tá suficiente.

A partir da observação do toré praticado na aldeia Barra de Gramame, foi percebido que o povo Tabajara realiza esse ritual em momentos específicos, quando desejam se fortalecer espiritualmente, unificar a coletividade, enfrentar dificuldades externas ou internas de organização. Resumindo, quando percebem que algo não está bem e que precisa ser resolvido. Portanto, surgiu a ideia de pensar esse ritual também como uma prática de cura. Analisando os cuidados com a saúde local, o ritual de toré funciona como um dos fortes elementos agenciados pelo povo Tabajara, como uma prática de manutenção da saúde da coletividade. Como podemos ver a seguir na entrevista de Juscelino Tabajara, filho do cacique Carlos Tabajara, neto de Maria José da Silva Tabajara e Manoel Francisco Nascimento, conhecido como Neco Piaba, um dos troncos velhos (anciãos) Tabajara, que nasceu na Chã no Sítio dos Caboclos.

O toré nos traz muita força. Diversas vezes em que as aldeias estavam em conflito, e estávamos na tentativa de resolvê-los, a gente sempre dançava um toré bem potente, para fortalecer nossa união. E muitas vezes o conflito realmente foi resolvido, e eu tenho certeza que foi por causa do toré. Porque sempre quando a gente cantava, eu mesmo pedia com muita fé para afastar todo mal, que queria nos dividir. (Entrevista concedida por Juscelino Tabajara, dia 04/11/2021).

Com um círculo formado, pedindo licença aos encantados e ancestrais²², pés descalços, braços abertos, maracás nas mãos, que se agitam de maneira ritmada, acompanhada de batidas com pé direito no chão, vestindo saiote de embira, com o corpo geralmente pintado de jenipapo e urucum, cocares na cabeça, no centro do círculo, geralmente algum indígena toca instrumentos rítmicos, como o tambor ou o bombo, que marcam o ritmo do toré. Diante dessa corporeidade as especificidades individuais são minimizadas e um corpo uno vai sendo criado pelos participantes, que buscam dançar uns em sintonia com os outros criando uma energia a partir da movência dos corpos. (RESENDE, 2019). Assim se inicia o toré, que é sempre realizado antes e depois de alguma atividade ritualística, celebrativa.

Nesse ritual, da letra aos corpos, o movimento em seu todo representa um divisor de fronteiras étnicas, seja quando ele é utilizado como brincadeira/comemoração ou seja quando utilizado por reivindicação material (terra, recursos) e/ou simbólica

²²Os familiares e antepassados que já faleceram, mas que de alguma maneira continuam mantendo elo espiritual.

(identidade etnicamente diferenciada). De caráter simbólico e político quando lutam pela terra, os indígenas têm no toré a representação da diferença e o instrumento de comprovação de uma identidade que não se reduz a uma única etnia, mas a um povo que reivindica um bem comum: a terra. (MARQUES, 2015, p. 252. apud MARQUES, 2009).

A prática do toré além de representar um demarcador de fronteiras étnicas, também é um símbolo de força, união e afirmação étnica, que reunifica o povo e articula as novas posturas de luta e resistência com enfoque na cultura e na afirmação identitária de reconquistas e retomadas territoriais.

Em BARTH (2000), fronteiras étnicas são pensadas como

[...] a fronteira étnica é que define o grupo e não o conteúdo cultural por ela delimitado. As fronteiras sobre as quais devemos concentrar nossa atenção são evidentemente fronteiras sociais, ainda que possam ter contrapartida territorial

[...] Os grupos étnicos não são apenas ou necessariamente baseados na ocupação de territórios exclusivos; e as diferentes maneiras através das quais eles são mantidos, não só as formas de recrutamento definitivo como também os modos de expressão e validação contínuas, devem ser analisadas. Além disso, a fronteira étnica canaliza a vida social. Ela implica uma organização, na maior parte das vezes bastante complexa, do comportamento e das relações sociais (BARTH, 2000, p.33-34).

O toré já foi considerado pelo SPI como critério legitimador da identidade étnica de um povo. Como nos traz ARRUTI (1999). Para os Tabajara, o Toré é um elemento cultural e, ao mesmo tempo, um testamento político de indianidade. Nesse sentido, reflete uma demanda histórica de luta indígena na região Nordeste. (MARQUES, 2015, p. 254).

TORÉ DAS MOARA

“Moaras índias guerreiras, que aprenderam com seus ancestrais

Moaras índias guerreiras, que aprenderam com seus ancestrais

Cultivar a farmácia viva e fazer garrafadas medicinais

Somos mulheres, somos guerreiras, somos sementes da mãe natureza,

Nos concentrando na força divina, a cultura está viva, nós temos certeza.”

Os torés do nosso grupo de mulheres, representam a conexão das mulheres MOARA com a natureza, ancestralidade, coletividade, espiritualidade e a cura, evidenciando também os usos tradicionais das ervas medicinais no preparo das garrafadas e o cultivo da farmácia viva dentro do território Tabajara.

Moara hê, moara

Somos mulheres guerreiras.

Heyna Hé

Heyna há

Somos guerreiras moara na força do juremá

Heyna Hé

Heyna há

Chamando todos os caboclos e os encantos para curar

CAPÍTULO 4. USO DAS PLANTAS E DA FAUNA NA MEDICINA TRADICIONAL TABAJARA

As plantas não são apenas passivas como recurso natural, mas elas também comunicam relações, criam um campo de interação cultural entre os usos humanos e suas funcionalidades. É preciso ampliar o pensamento para compreender que, em algumas situações, as plantas têm atributos personificados, por exemplo, “cada planta tem um caboclo”, ou seja, as plantas têm alma, são sujeitos ativos.

Dentro desses itinerários podemos perceber os usos das plantas medicinais em diversos contextos com grande frequência no cotidiano do povo Tabajara. Por exemplo, jenipapo uso do jenipapo, tanto para pintura corporal, como para dores nas articulações.

Fotografia 14 - Preparo da tinta de jenipapo para pintura corporal





Fotografia 15 - Pajé Biu Tabajara moendo o fruto do jenipapo, para extrair a tinta para pintura corporal

Os usos das plantas estão intimamente relacionados com a memória do povo Tabajara. Geralmente, quando eles vão explicar os usos de determinadas plantas, eles lembram de momentos anteriores onde outros parentes utilizaram aquela determinada planta para tal finalidade. Muitos conhecimentos sobre os usos tradicionais das plantas no território Tabajara são experienciados, dentro do agenciamento do itinerário terapêutico, no momento em que alguém adocece e não tem como se deslocar até a cidade para um atendimento na UBS mais próxima, ou aguardar a vinda da equipe de saúde da SESAI. O povo Tabajara aciona seus conhecimentos e vínculos com seu território tradicional.

Para obter soluções curativas, os indígenas utilizam em seus preparados, frutos, bálsamos, sementes, ervas, raízes, cascas e folhas de árvores. Os indígenas, com suas ervas medicinais, mostraram aos jesuítas e colonos o caminho correto para a aplicação dos vegetais no tratamento de determinadas

enfermidades. Ao longo do tempo, muitas dessas plantas foram, definitivamente, incluídas nos tratamentos fitoterápicos modernos. (MIRANDA. P.226. Grifo meu).

Dentro desses itinerários de cuidado, podemos perceber os usos das plantas medicinais em diversos contextos com grande frequência no cotidiano do povo Tabajara, evidenciando que esses indígenas mantêm diálogo do presente com o passado através do compartilhamento dos saberes tradicionalmente utilizados.

Fotografia 16 - Material utilizado para produção de sabonetes medicinais, aldeia Barra de Gramame



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima, novembro de 2020.

No dia 30 de novembro de 2020, houve um encontro das Moara, para produção de sabonetes fitoterápicos. O material acima é o material utilizado na produção desses sabonetes. Um intenso momento de troca de saberes, sobre os usos das plantas utilizadas.

Para o povo Tabajara, não somente os usos das plantas desempenham um papel fundamental no itinerário de saúde, mas também a fauna é utilizada na produção de remédios na medicina tradicional Tabajara. Trago aqui alguns exemplos da fala do Cacique Carlos Tabajara

Carne de Tamanduá serve para dor nas juntas dos ossos. Ele come formiga e cupim, ele é camuflado, é difícil caçar ele, bicho de mata atlântica, se tem junta boa, tem saúde.

Espinho do quandú (porco espinho) para cansaço. Faz um pó com o espinho do quandú. A banha da raposa, também serve de remédio. (entrevista concedida em setembro de 2021)

Na perspectiva indígena, a medicina tradicional se configura como algo primordial, é o que se tem como propriedade tradicional de conhecimento, algo compartilhado, e de um funcionamento de fácil entendimento entre eles, ou seja, códigos/segredos coletivos são postos em circulação, produzindo significados internos ao grupo. Podemos ilustrar essa perspectiva através da fala de Maria (68 anos), anciã do povo Tabajara.

“Já os médico é diferente da gente, cura com injeção, né? Tira o veneno da cobra e aprica no cara, que é pro cara ficar curado. Já a gente cura com si mesmo. A gente mermo cura a gente”. (Diálogo retirado do curta metragem “*Dentada de cobra*”).

O que podemos perceber, a partir dessa fala, é que o itinerário de cuidados com a saúde, do povo Tabajara, compõe um repertório de significados e sentidos que se complementam entre si, produzindo uma lógica local de cuidado com a saúde, preservação do território, rituais na manutenção dos saberes.

Fotografia 17 - Produção de lambedores medicinal feito pelas mulheres indígenas Moara



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima, outubro 2020.

4.1 ETNOBOTÂNICA - PLANTAS COMO RECURSO TERAPÊUTICO

As plantas são a sopa primordial da Terra que permite à matéria se tornar vida e à vida voltar a se transformar em “matéria bruta”. Chamaremos de atmosfera essa mistura radical que faz tudo coexistir num mesmo lugar sem sacrificar formas nem substâncias. (COCCIA, P. 51)

A etnobotânica estuda as interações dinâmicas entre usos e aplicações tradicionais de vegetais, frutas e plantas pelas comunidades. (AMOROZO, 1996). Ou seja, é o uso das plantas por povos nativos e as relações entre plantas e a cultura humana.

Há relatos de fundamental importância de cronistas, jesuítas e viajantes que comprovam a utilização que os indígenas sempre fizeram de plantas e ervas no tratamento das doenças, desde os tempos do Brasil colônia.

A necessidade que os jesuítas tinham de possuir certa provisão de medicamentos para atender à população nativa da Colônia, fez com que fossem iniciados estudos e

pesquisas sobre plantas medicinais do Brasil, prática já observada pela medicina empírica dos indígenas. (MIRANDA. p.257)

O entendimento sobre saúde e doença para os Tabajara tem relação com a experiência subjetiva e cultural que constitui um conjunto aberto e heterogêneo de representações com práticas tradicionais, mas também o uso de produtos farmacêuticos. Exemplo: quando alguém fica doente geralmente a comunidade é comunicada, e os mais idosos acionam suas visões e experiências empíricas. Sobre os sintomas geralmente chegam a uma atitude em comum de dizer qual é o remédio mais indicado naquele caso, seja o uso das plantas, ou a banha de algum animal. Há um processo coletivo em comum para lidar com a doença, a manipulação de plantas e animais que auxiliam no processo de estabelecimento da saúde. Como bem podemos observar na narrativa de Dona Penha Tabajara

Meu lambedor leva várias ervas. Eu faço lambedor com a raiz de esquentai, a erva de botão, ela nasce no roçado, nas bananeiras. A raiz dela é muito boa pra saúde. Tem muitas ervas que eu uso, à vassourinha, espinho de cigano, aquilo serve para coceira, a pessoa tem que fazer o banho. A malva, a melissa, mesmo serve para inchaço, anemia. Lá em casa tem muito. (Dona Penha Tabajara, 56 anos - Entrevista concedida em 15/01/2022).

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), planta medicinal é todo vegetal que contém, em um ou vários de seus órgãos, substâncias que podem ser empregadas para fins terapêuticos ou precursores de substâncias utilizadas para tais propósitos (OMS, 2002).

O uso das plantas faz parte da cultura do povo Tabajara, que é passado de geração em geração. A maioria afirma ter aprendido a utilizar com familiares e antepassados. Assim a difusão do conhecimento sobre as propriedades terapêuticas das plantas é transferida pela oralidade, junto com as crenças, repassadas dos anciões para os mais jovens. Constituindo um saber tradicional. A transmissão dos saberes são repassados e aprendidos com os mais velhos. A rede de memórias ocupa lugar central nas práticas de saúde Tabajara, envolvendo os fatores culturais inerentes ao povo Tabajara e sua interpretação. Podemos ver a seguir na fala de Nequinho Piaba, de 71 anos, ancião do povo Tabajara, que carrega a memória de seu pai Antônio Piaba, considerado curandeiro, o conhecimento repassado foi fundamental para a manutenção do conhecimento

Aprendi com meu povo mais velho, meu pai, aliás ele fazia garrafada pro povo, era curandeiro. Até hoje quando o povo se lembra dele, fala, que era um grande curador.

Tem muita planta que dá remédio. Eu acredito muito nas plantas. Porque a medicina, a vida toda foi feita em cima das plantas, para isso eles pesquisam com os índios, para aumentar a sabedoria deles. Porque o remédio do mato é uma coisa, e da farmácia é outra. Esses remédio tem que saber fazer.

O remédio tá aí, pra tudo no mundo existe remédio e tá nas plantas, mas tem que saber fazer, se não, não faz efeito não. (Nequinho Piaba, 71 anos, entrevista concedida em 22 de novembro de 2022 *grifos nossos*).

Mesmo com as mudanças impostas pela colonização e modernização, não eliminaram o uso do Conhecimento herdado através da oralidade e da prática.

Portanto, na atualidade, os saberes e práticas herdados, se entrelaçam ao contexto médico da medicina alopática moderna. Ou seja, as transformações ocorridas pelo processo de colonização, a modernidade e desenvolvimento tecnológico não exercem um domínio completo quando falamos a respeito do itinerário de saúde que inclui os conhecimentos tradicionais. Como podemos observar na narrativa de Janiara Tabajara

Atualmente mesmo, utilizo plantas medicinais para amenizar a gastrite que eu desenvolvi. Então utilizo boldo, utilizo também cidreira, para ajudar na digestão. Mas também já utilizei outras que conheço. A erva cidreira extraio de frente da minha casa.

Quem me ensina muito sobre as plantas desde de criança é a minha mãe, tudo que a gente sente, ela sempre direciona a gente pra tomar remédios naturais. Se eu estiver com uma dor de cabeça, febre, ela me ensina a pegar uma folha de carrapateira. é tanto que foi através dos saberes dela que eu tava com uma dor horrível na cabeça, já fazia três dias que eu estava tomando medicamento farmacêutico, industrializado, foi quando ela, pegou a folha da carrapateira, amarrou na minha testa, ela morna para colocar na cabeça e foi através desse remédio natural que a dor de cabeça passou. (Janiara, 26 anos. Entrevista concedida em julho de 2022).

Fotografia 18 - Preparo de lambedor de alcaçuz, cupim, cardeiro, acerola, hortelã, fotografia seguinte, está Janiara, Irae, Eunice e Dona Maria selecionando e limpando as ervas que serão utilizadas no preparo do lambedor, e na terceira fotografia, são as ervas já limpas e selecionadas, prontas para serem misturadas e levadas para o caldeirão, que já se encontra no fogo.



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima.



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima.

As fotografias do preparo do lambedor acima foram realizadas na aldeia Barra de Gramame, em mais um dos encontros do grupo de mulheres Moara, no dia 19 de outubro de 2020. Em plena pandemia, em que muitas pessoas no território estão precisando de remédios para fortalecer a imunidade e aliviar os sintomas de resfriados, gripe e até a própria covid.

Na ocasião, cerca de 20 mulheres se reuniram na oca para fazer o ritual para iniciar a preparação coletiva do lambedor. O ritual se inicia com todas de pé, em círculo, entoando cantos de toré para saudar o encontro e dar boas vindas. Em seguida, algumas mulheres se dirigem até uma mesa de madeira no canto esquerdo da oca.

Em cima da mesa tem várias ervas que serão utilizadas no preparo do lambedor. O preparo é então iniciado. Ao passo que estou atenta e envolvida na realização do lambedor, também manuseio a câmera do celular para captar algumas imagens para compor posteriormente esse trabalho. Vou então vivenciando e observando, interagindo e também aprendendo. Enquanto as mulheres vão falando sobre cada erva e seus usos.

Cada erva é lavada e colocada com cuidado no caldeirão. Em seguida, o fogo de lenha é acesso, e o caldeirão contém, entre outras, o cupim, o hortelã, o cardeiro, o alcaçuz, a acerola, e pitanga. Enquanto as ervas se aquecem dentro do caldeirão, conversas sobre plantas e sobre finalidades de uso, sobre boa eficácia de tal planta são tecidas. Ao final do processo de preparo, e engarrafamento do lambedor, é feito uma novaroda de toré para agradecer pelos bons resultados obtidos naquele preparo e para que o preparo ganhe força e possa ser eficaz para o que se propõe.

Os produtos produzidos dentro da aldeia Barra de Gramame, como garrafadas, lambedores, pomadas, sabonetes, são consumidas tanto pela comunidade como por pessoas não indígenas que procuram os tratamentos naturais. Esses produtos têm composição variada, dependendo da pretensão a que é realizado, esses que produtos que são comercializados, geralmente são feitos por encomenda, mediante a apresentação do problema de saúde da pessoa que procura o tratamento.

Fotografia 19 - Raspa de cabatã do rego, retirada por Eunice, na mata próximo a aldeia Barra de Gramame. Essa raspa de cabatã será utilizada no preparo de um remédio para asma, que Eunice fez para um parente que estava precisando.



FONTE: Foto de Iranã Tabajara - Novembro de 2020.

4.2 AS PRINCIPAIS PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS DENTRO DO TERRITÓRIO TABAJARA E SUAS FINALIDADES DE USO NOS PROCESSOS CURATIVOS

A seguir realizei um levantamento de 80, principais plantas medicinais utilizadas pelo povo Tabajara da aldeia Barra de Gramame, e seu uso medicinal.

(Nomes populares, científico das plantas e uso medicinal)

Nome popular - Alecrim de caboclo

Nome científico - *Baccharis sylvestris* L.

Uso medicinal - Anemia

Nome popular - Aranto

Nome científico - *Kalanchoe daigremontiana*

Uso medicinal - gastrite, câncer

Nome popular - Araçá

Nome científico - *Psidium cattleianum*

Uso medicinal - Dor de barriga

Nome popular - Arruda

Nome científico - *Ruta graveolens*

Uso medicinal - Dor de ouvido

Nome popular - Aroeira

Nome científico - *Schinus terebinthifolia*

Uso medicinal - Infecção, inflamação

Nome popular - Arnica

Nome científico - *Solidago chilensis*

Uso medicinal - dor muscular, picada de inseto, anti inflamatória

Nome popular - Alfavaca

Nome científico - *Ocimum gratissimum* Gaertn.

Uso medicinal - Aumenta a imunidade, trata inflamação

Nome popular - Alcançúz

Nome científico - *Glycyrrhiza glabra*

Uso medicinal - Alivia tosse, coceira na garganta

Nome popular - Açafrão

Nome científico - *Curcuma longa*

Uso medicinal - serve para colar osso quebrado, gastrite, inflamação

Nome popular - Amora

Nome científico - *Rubus subg. Rubus*

Uso medicinal - A folha serve para o coração, para queda de cabelo, hipertensão

Nome popular - Ameixa do mato

Nome científico - *Ximenia americana*

Uso medicinal - anti inflamatório, inchação

Nome popular - Alho do mato

Nome científico - *Cipura paludosa*

Uso medicinal - Tosse, gripe, anemia

Nome popular - Boldo

Nome científico - *Peumus boldus*

Uso medicinal - Problemas no intestino

Nome popular - Babosa

Nome científico - *Aloe vera*

Uso medicinal - Anti Inflamatório

Nome popular - Babatenon

Nome científico - *Stryphnodendron sp.*

Uso medicinal - inflamação interna e externa

Nome popular - Bom nome

Nome científico - *Maytenus rigida Mart.*

Uso medicinal - dor nos ossos, fortalecer os nervos

Nome popular - Cajueiro roxo

Nome científico - *Anacardium occidentale*

Uso medicinal - Inflamação, sara feridas externas

Nome popular - Canela

Nome científico - *Cinnamomum verum*

Uso medicinal - Digestão, fortifica o sangue

Nome popular - Cabatã de rego

Nome científico - *Tapirira guianensis*

Uso medicinal - cansaço, tosse e sinusite

Nome popular - Capim santo

Nome científico - *Kyllinga odorata H.B.K.*

Uso medicinal - Digestão

Nome popular - Camomila

Nome científico - *Matricaria chamomilla*

Uso medicinal - Acalma os nervos

Nome popular - Cavaçú

Nome científico - *Coccoloba latifolia*

Uso medicinal - anti inflamatório

Nome popular - Cardeiro

Nome científico - *Cereus jamacaru*

Uso medicinal - Para cansaço, bronquite e tosse pesada, pneumonia

Nome popular - Carrapateira

Nome científico - *Ricinus communis L.*

Uso medicinal - Uso da folha sob a dor de cabeça

Nome popular - Cana da índia

Nome científico - *Canna indica*

Uso medicinal - Pedra nos rins, Infecção intestinal

Nome popular - Catolé

Nome científico - *Syagrus cearensis Noblick*

Uso medicinal - Próstata, inflamação interna

Nome popular - Cumarú

Nome científico - *Dipteryx odorata*

Uso medicinal - Catarro no peito, anti-inflamatório

Nome popular - Cravo

Nome científico - *Dianthus caryophyllus*

Uso medicinal - para tratar o intestino de crianças

Nome popular - Cebolinha do mato

Nome científico - *Allium fistulosum*

Uso medicinal - alivia tosse, coqueluche

Nome popular - Cebolinha xenxen

Nome científico - *Allium fistulosum* L.

Uso medicinal - tosse, catarro preso, gripe

Nome popular - Cipó cainana

Nome científico - *Chiococca racemosa*

Uso medicinal - desinflamação na coluna

Nome popular - Colônia

Nome científico - *Alpinia speciosa*

Uso medicinal - Dor de cabeça, gripe, febre, antitérmica

Nome popular - Cupim de cajueiro roxo

Nome científico - não identificado

Uso medicinal - pneumonia, coqueluche

Nome popular - Chanana

Nome científico - *Turnera ulmifolia*

Uso medicinal - Próstata

Nome popular - Urtiga branca

Nome científico - *Urtica dioica*

Uso medicinal - Inflamação interna, muito usado para saúde da mulher, para o útero

Nome popular - Erva cidreira

Nome científico - *Melissa officinalis* Linn.

Uso medicinal - Digestão, dor na barriga e no intestino

Nome popular - Erva doce

Nome científico - *Pimpinella anisum L.*

Uso medicinal - Calmante

Nome popular - Esquentai

Nome científico - não identificada

Uso medicinal - Estimulante, afrodisíaco

Nome popular - Eucalipto da folha fina

Nome científico - *Eucalyptus*

Uso medicinal - Febre

Nome popular - Espinho cigano

Nome científico - *Acanthospermum hispidum*

Uso medicinal - tosse, gastrite, má digestão

Nome popular - Embiriba

Nome científico - *Xylopia Amazônica*

Uso medicinal - cicatrizante, estanca sangramentos

Nome popular - Feijão guandu

Nome científico - *Cajanus cajan*

Uso medicinal - Evitar AVC

Nome popular - Folha de manga espada

Nome científico - *Mangifera indica*

Uso medicinal- rouquidão, tosse

Nome popular - Folha da banana

Nome científico - *Musa*

Uso medicinal - rouquice

Nome popular - Folha de jaca

Nome científico - *Artocarpus heterophyllus*

Uso medicinal - antibacteriano

Nome popular - Folha de goiaba

Nome científico - *Psidium guajava*

Uso medicinal - inflamação

Nome popular - Folha da pitanga

Nome científico - *Eugenia uniflora*

Uso medicinal - infecção intestinal

Nome popular - flor de sabugueiro

Nome científico - *Sambucus nigra*

Uso medicinal - Para problemas no pulmão, febre, tosse, arriar catarro

Nome popular - Leite da mangaba

Nome científico - *Hancornia speciosa*

Uso medicinal - úlcera

Nome popular - Louro

Nome científico - *Laurus nobilis*

Uso medicinal - Dor de barriga

Nome popular - Guajirú

Nome científico - *Chrysobalanus icaco*

Uso medicinal - coluna, diabetes, baixa glicemia

Nome popular - Gengibre

Nome científico - *Zingiber officinale Roscoe.*

Uso medicinal - estimulante, anti inflamatório

Nome popular - Gitaí

Nome científico - *Apuleia Leiocarpa (Vogel) J.F.Macbr*

Uso medicinal - crise de fígado

Nome popular - Hortelã

Nome científico - *Mentha sp.*

Uso medicinal - Ameba

Nome popular - Hibisco

Nome científico - *Hibiscus rosa-sinensis L.*

Uso medicinal - Anti-inflamatório, regula o colesterol, aumenta a imunidade.

Nome popular - Jenipapo bravo

Nome científico - *Genipa americana*

Uso medicinal - indicado para dores musculares, osso quebrado

Nome popular - Jenipapo manso - Para pintura corporal

Nome popular - Jurema

Nome científico - *Mimosa tenuiflora*

Uso medicinal - Anti Inflamatório

Nome popular - **Jonso**

Nome científico - Não identificado

Uso medicinal - Fortifica os nervos e os ossos

Nome popular - **Jucá ou pau-ferro**

Nome científico - *Libidia ferrea*

Uso medicinal - Auxilia no fortalecimento dos ossos

Nome popular - **Manjericão miúdo**

Nome científico - *Ocimum basilicum*

Uso medicinal - dor de cabeça

Nome popular - **Macassá**

Nome científico - *Hyptis*

Uso medicinal - dor de ouvido, dor de cabeça

Nome popular - **Malva branca**

Nome científico - *Sida cordifolia*

Uso medicinal - inflamação interna, inchação

Nome popular - **Malva Rosa**

Nome científico - *Alcea Rosea*

Uso medicinal - expectorante, anti inflamatório

Nome popular - **Maracujá do mato**

Nome científico - *Passiflora cincinnata*

Uso medicinal - Gordura no fígado

Nome popular - **Mastruz**

Nome científico - *Dysphania ambrosioides*

Uso medicinal - Verme, tosse, gripe

Nome popular - **Maria leiteira**

Nome científico - *Não identificado*

Uso medicinal - inflamação, feridas externas

Nome popular - **Mirra**

Nome científico - *Commiphora myrrha*

Uso medicinal - Dores no geral, sinusite

Nome popular - **Melão de São Caetano**

Nome científico - *Momordica*

Uso medicinal - indicado no tratamento de hemorróidas, desmancha tumor

Nome popular - **Mussambê**

Nome científico - *Cleome hassleriana*

Uso medicinal - alivia tosse, tira virose

Nome popular - **Murici**

Nome científico - *Byrsonima crassifolia*

Uso medicinal - Anti-inflamatória, previne anemia, pra febre, diarréia

Nome popular - **Papaconha**

Nome científico - *Pombalia calceolaria*

Uso medicinal - febre, dores de cabeça, inchaço

Nome popular - **Pega pinto**

Nome científico - *Boerhavia*

Uso medicinal - Próstata

Nome popular - **Quixaba**

Nome científico - *Sideroxylon obtusifolium*

Uso medicinal - desinflamação, dores

Nome popular - **Quebra pedra**

Nome científico - *Phyllanthus niruri*

Uso medicinal - dores, pedra nos rins

Nome popular - **Vassourinha**

Nome científico - *Malvastrum coromandelianum*

Uso medicinal - Coceiras na pele, cura inflamação, inchaço, asma, bronquite

Nome popular - **Salsa do rio**

Nome científico - *Petroselinum crispum*

Uso medicinal - Inflamação

Nome popular - **Saião**

Nome científico - *kalanchoe*

Uso medicinal - tirar catarro do peito e frieira

Nome popular - **Semente de sucupira branca**

Nome científico - *Pterodon emarginatus*

Uso medicinal - dores na Coluna

Nome popular - Urinana

Nome científico - Não identificada

Uso medicinal - Para infecção urinária

4.3 PRINCIPAIS INDICAÇÕES

As principais indicações das plantas medicinais acima citadas pelos indígenas Tabajara são para dores em geral, problemas do sistema respiratório, problemas digestivos, cicatrizante, diabetes, calmante, hipertensão, anti inflamatório.

E as principais formas de utilização das plantas citadas por eles, são preparos, como o lambedor, a garrafada, o chá, o banho. As principais partes utilizadas da planta são a folha, a casca, entrecasca, as sementes, a raiz, flores e o caule da planta.

Fotografia 20 - Preparo de banho de colônia, indicado para gripe e fortalecimento da imunidade, limpar o corpo das energias negativas



Fonte: Trabalho de campo Org.: Taíza Nunes dos Santos Lima, fevereiro 2020

4.4 FORMAS DE UTILIZAÇÃO

Chás, lambedores, garrafadas, banhos de ervas, sabonetes, pomadas.

Parte vegetal a ser utilizada

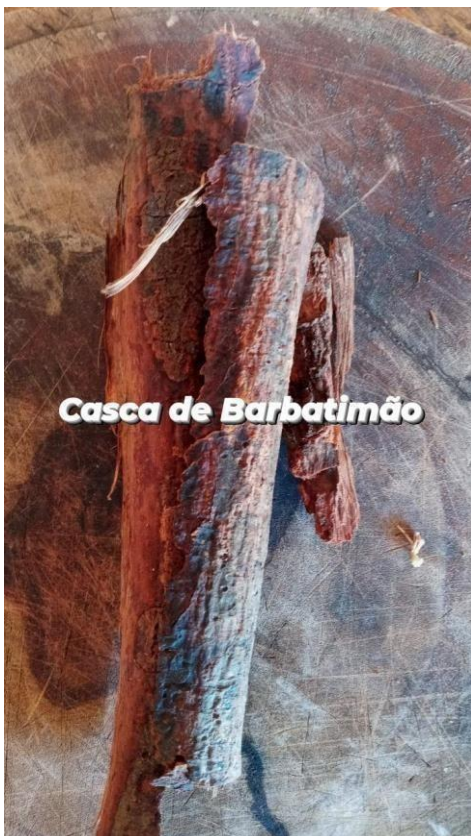
Raiz, caule, folha, flores, sementes, casca, entrecasca²³, frutos.

²³ Pó extraído entre o tronco e a casca externa da árvore

Fotografia 21 - Algumas das ervas²⁴ utilizadas na medicina tradicional Tabajara



²⁴ Nomes científicos consultar a partir da pág. 86.



Casca de Barbatimão



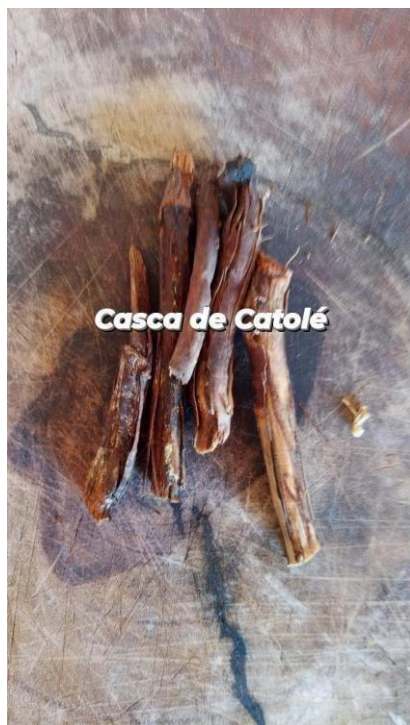
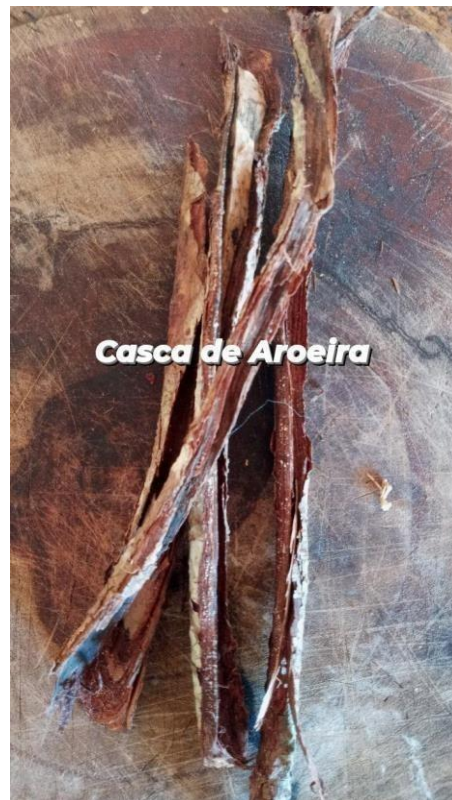
Baje de Jucá



Casca de Ameixa



Alcançú





Casca de Pitanga



Semente de Embira



Casca de ameixa

4.5 I ENCONTRO DE MEDICINA TRADICIONAL INDÍGENA TABAJARA

No dia 12/12/2022 foi realizado o I Encontro de Medicina Tradicional e Culinária Indígena Tabajara, reunindo representantes das três aldeias: Barra de Gramame, Nova conquista Taquara e Vitória. Contou com a participação e organização de representantes da SESAI e DSEI Potiguara.

O encontro aconteceu na aldeia Barra de Gramame, foi um momento onde houve o compartilhamento de muitos conhecimentos, relacionados com os usos das plantas medicinais.





Fotografia acima: Mesa com caciques Tabajara e o pajé Biu Tabajara





REFLEXÕES CONCLUSIVAS

Dentro do sistema de saúde local, os conhecimentos do povo Tabajara representam uma dimensão cosmológica e sociocultural que precisa ser levada em consideração. O conhecimento das potencialidades e usos das plantas e da fauna como remédio são fruto de experimentações numa lógica coletiva, ao longo dos anos, dentro do território Tabajara.

As práticas terapêuticas locais de cuidado, utilizadas pelos Tabajara, não são só práticas vinculadas à cura, são práticas que permitem que transformações aconteçam. Em que estão envolvidos princípios físicos, químicos, culturais, espirituais, sociais, voltados para manutenção e estabelecimento da saúde. Elementos que, na medida que interagem, se transformam e evidenciam como uma atenta observação da natureza pode fornecer informações imprescindíveis. Funcionando como expressão e referência coletiva, partilhada entre o povo Tabajara, que mesmo com os processos de modernização e acesso aos medicamentos da farmácia continuam vigorando expressividade com os usos das plantas, dentro do território.

Como produto desse trabalho de pesquisa realizei a produção de curta-metragem, “MOARA - A cura vem da mata”. Que será exibido na defesa final da dissertação. O que me motivou a produzir esse curta-metragem que conta um pouco sobre o processo de feitiço de lambedores, numa das oficinas feitas pelas moara, é o fato de que alguns Tabajaranão sabem ler, então teriam acesso limitado ao trabalho de pesquisa final dessa dissertação. E o curta-metragem se traduz como uma possibilidade dentro de uma linguagem visual, legível para todo povo Tabajara, que evidencia elementos fundamentais na cultura Tabajara, e a relação com o preparo de um remédio com plantas.

Para finalizar concluo, argumentando que a descrição etnográfica, deste trabalho trata da reflexão sobre a ocupação tradicional do povo Tabajara no litoral Sul da Paraíba e suas respectivas práticas curativas, tendo como ênfase o protagonismo feminino e a autogestão participativa das mulheres indígenas em todo esse processo, elaborando um panorama de como se constitui o feminino dentro da aldeia, que demonstra uma resistência identitária no território ao qual pertencem, possibilitando uma leitura múltipla

da realidade Tabajara e fazendo uma leitura sobre a trajetória dos itinerários terapêuticos acessados pelos Tabajara, e as principais plantas medicinais utilizadas. Pensando na construção do conhecimento relacionado às plantas medicinais pelas famílias é predominantemente oral, realizada através do convívio diário entre seus membros e compartilhada com os demais membros da aldeia pelas relações familiares e de parentesco.

O itinerário terapêutico que é seguido pelos Tabajara da aldeia Barra de Gramame, geralmente, é iniciado pelo uso das plantas medicinais, cultivadas na farmácia viva, ou no terreiro de casa, geralmente são preparados um chá, uma garrafada ou um lambedor. Quando o problema não se resolve, aí é se recorre ao uso de medicamentos industrializados e, se não resolver, esse cuidado se amplia para a busca de um especialista, ou médico. Geralmente se recorre ao atendimento que acontece no PSF do Village próximo a Jacumã, ou aguarda a vinda da equipe médica da SESAI, que geralmente prescreve exames laboratoriais e/ou medicamentos específicos para os sintomas, em alguns casos também se recorre a alguma benzedeira da região, por exemplo em casos de doenças que se repetem constantemente.

Portanto essa trajetória terapêutica tem múltiplos percursos e nem sempre obedece a essa sequência linear. Às vezes, dependendo da gravidade da doença, os recursos disponíveis para um deslocamento até a cidade para um atendimento médico, ou a paciência para esperar o atendimento médico que acontece uma vez por mês na aldeia, o indígena pode recorrer a diversas opções para obter a solução do problema de saúde.

Os sistemas de conhecimentos locais agregam conhecimentos etnobotânicos, agroecológicos, alimentares, ecológicos, culturais, espirituais, entre outros.

Há um repertório de significados sobre as práticas tradicionais de cura, que não foram abandonados, mesmo diante do processo de colonização imposto sobre o povo Tabajara e seu território, são conhecimentos acionados conforme a necessidade e que comunicam elos de referência coletiva, reforçando a luta pelo território, pela garantia de áreas de preservação de mata, rios, mangue e mar limpos. Expressam também a dimensão dinâmica dessas práticas e a necessidade de integração com o subsistema de saúde indígena e o SUS.

O silêncio das histórias ancestrais, tem produção do pensamento hegemônico. O silêncio ancestral provocado pela colonização, produz riscos na produção do conhecimento, dos que perderam a história. Pensando nas invasões territoriais como uma estrutura de manutenção do poder da colonialidade e a reprodução ontológica da episteme²⁵.

A produção do conhecimento é altamente afetada pela colonização dos saberes. Portanto as estruturas da colonialidade, se esforçam para gerar disputas entre os campos do conhecimento ancestral e os conhecimentos hegemônicos, legitimados dentro da estrutura do poder-saber, próprios da modernidade colonialidade.

Que a gente comece a pensar um pouco mais como a radicalidade da misoginia e a colonização, que controla os corpos dentro do engendramento da produção dentro do sistema capitalista, que afeta diretamente nossas relações, nosso modo de produzir vida, nossa organização social, política, econômica, alimentar. Todavia é importante afinar as definições conceituais e os pontos de referências históricas, dentro desse campo de disputas históricas na produção no campo dos saberes considerados subalternizados.

Me percebi e me identifiquei nesse campo de estudo, a partir da construção de um mapa que fui delineando na minha cabeça e no trabalho. A partir da perspectiva teórica, as leituras complexas, os manuais metodológicos que me lançaram experimentações durante o processo de aprendizado como pesquisadora.

Não pretendo com essa dissertação de mestrado, elaborar uma receita de remédio prescrita por um farmacêutico diplomado, mas pretendo lançar pistas sobre como se dá a construção dos saberes do campo, a partir do olhar do nativo, que vivencia todos os dias questões de lutas constante pelo seu território e que mesmo assim, se preocupam em manter vivos a cultura dos usos terapêuticos das plantas medicinais. Ocorreram muitas coisas imprevisíveis durante esse trajeto até aqui, e inclusive falta de fôlego em determinados pontos deste caminhar do trabalho até essa finalização.

Me preocupei muito em refletir - Para quem eu estou escrevendo? - Isso foi fundamental para eu ter sensibilidade com a escrita expositiva. Foi muito minucioso

²⁵ Episteme é um termo derivado do grego, refere-se a conhecimento, e corresponde ao sistema que em uma sociedade como a nossa sustenta as relações entre ser e poder.

etnografar as vivências dentro do território Tabajara, pois estou diretamente inserida no campo estudado, moro aqui na TI Tabajara, luto pela reconquista dessa terra e pela garantia dos direitos desse povo. Isso me coloca automaticamente numa posição de escolhas epistemológicas tênues.

Há muitos desacertos no decorrer da constituição dessa pesquisa, que constituíram e delinearão as fronteiras dessa cartografia de saberes, fazeres e afetos.

Há calibragens necessárias que precisam ser melhor refletidas, discutidas e expostas, mas desafios são feitos para serem ultrapassados e nisso me disponho a seguir com firmeza nesse caminho do aprender fazer pesquisa no Brasil, contexto violento para aquelas que assim como eu nasceram numa terra invadida, saqueada e de saberes e histórias silenciadas.

Gostaria de aqui propor a expansão desse mapa etnocartográfico num próximo trabalho, possivelmente de doutorado. E diante disso me comprometo a expandir os horizontes da pesquisa no campo da saúde indígena e medicina tradicional.

Dentro dos deslocamentos necessários para produzir o texto que compõe esse trabalho, estive diante de excessos e faltas e na escrita, tive que correr os riscos possíveis de colocar minha experiência vivencial. Praticando ciência ao passo que acredito na paixão de construir um texto que se alinhe às vivências reais e os limites estabelecidos pelo processo de fazer.

REFERÊNCIAS

AMOROZO, M.C.M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, v.16, n.2, p.189-203, 2002.

ARRUTI, José Maurício Andion. A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco. In: *A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no nordeste indígena.*/ João Pacheco de Oliveira. (org.)/ Rio de Janeiro: Contra Capa. 1999. p. 229 – 277.

BATESON, Gregory. (1982). De la clasificación al proceso. In: *Espíritu y naturaleza* Buenos Aires: Amorrortu, p. 169-182.

BARTH, F. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. São Paulo: UNESP, 1998.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_20_16.pdf, Acesso em 15 jan. 2020.

CABRAL, HEMÁEZ, ANDRADE, CHERCHIGLIA. Itinerários terapêuticos: o estado da arte da produção científica no Brasil. artigo apresentado em 2009. Disponível na revista *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(11):4433-4442, 2011.

COCCIA, EMANUELE. A vida das plantas. Uma metafísica da mistura.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto — Identidade, Etnia e Estrutura Social. São Paulo, Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1976.

CRISTINA BRANDT FRIEDRICH MARTIN GURGEL. A Fitoterapia Indígena no Brasil Colonial, (Os Primeiros Dois Séculos). PUC Campinas. Disponível em

<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2004/Simposios%20Tematicos/Cristina%20Brandt%20>

Plantas e animais medicinais da Paraíba: um olhar da etnobiologia e etnoecologia [recurso eletrônico] / organizadores, Reinaldo Farias Paiva de Lucena, Camila Marques de Lucena, Thamires Kelly Nunes Carvalho, Ezequiel Costa Ferreira. - Cabedelo, PB: Editora IESP, 2018.

CRUZ, ROSIANE BARBOZA DA. *Mulheres Tabajara: disputas territoriais, gênero e identidade das indígenas no litoral sul da Paraíba*. Dissertação de mestrado em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas. João Pessoa, 2020.

DELEUZE, Gilles & GUATTARRI, Felix. (1995). "Introdução: Rizoma". In: *Mil Platôs. Capitalismo e esquizofrenia* Rio de Janeiro: Ed. 34.

DAWSEY, John Cowart. (2005). Victor Turner e a antropologia da experiência. *Cadernos de Campo*, 13/14, p. 163-176. Disponível em https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/378/o/Victor_Turner_e_a_Antropologia_da_Experi%C3%Aancia.pdf

FARIAS, ELIANE; BARCELLOS, LUSIVAL. *Memória Tabajara: manifestação de fé e identidade étnica*. 2. ed. João Pessoa: UFPB, 2015.

FARIAS, ELIANE; BARCELLOS, LUSIVAL. CÓZAR, Juan Soler. *Paraíba Tabajara*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

FAVRET-SAADA, JEANNE. "Ser afetado". *Cadernos de Campo*. N.13. pp. 155-161. 2005 [1990].

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LANGDON, Esther Jean. (1994). Representações de doenças e itinerário terapêutico dos Siona da Amazônia colombiana. In: Santos, Ricardo & Coimbra Junior, Carlos (orgs.). *Saúde e povos indígenas* Rio de Janeiro: Fiocruz, p.115-42.

LEACH, E. ([1954] (1996), *Sistemas políticos da Alta Birmânia*. São Paulo, Edusp.

- LEAL, O. F. A leitura social da novela das oito. 1983. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1983. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/71233/000147198.pdf;jsessionid=DC7ED9B75C67A61308D713DC5797CFB1?sequence=1> . Acesso 21/07/2020.
- LE BRETON, David. Antropologia do corpo; tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 4.ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2016.
- GEERTZ, Clifford. **Saber local**: novos ensaios em antropologia interpretativa. São Paulo: Editora Vozes, 2000.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GRÜNEWALD, Rodrigo (1993) Regime de Índio e Faccionalismo: os atikum da Serra do Umã. Rio de Janeiro: PPGAS-Museu Nacional-UFRJ (Mestrado).
- GRÜNEWALD, Rodrigo A. (Org.). Toré: regime encantado dos índios do nordeste. Recife: Massangana, 2005.
- GRÜNEWALD, Rodrigo A. As múltiplas incertezas do Toré. In: GRÜNEWALD, Rodrigo A. (Org.). Toré: regime encantado dos índios do nordeste. Recife: Massangana, 2005, p. 13-33.
- MARQUES, Amanda Christinne Nascimento. Fronteira étnica : Tabajara e comunidades negras no processo de territorialização do litoral sul paraibano. Tese de doutorado em geografia. UFS: Sergipe, 2015.
- MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. A arte de curar nos tempos da colônia : limites e espaços da cura / Carlos Alberto Cunha Miranda. – 3. ed. rev. ampl. e atual. – Recife : Ed. Universitária da UFPE, 2017. p. 201-270.
- MURA, Fabio. PALITOT, Estêvão. MARQUES, Amanda. 2010. Relatório de fundamentação antropológica para caracterizar ocupação territorial dos Tabajara no Litoral Sul da Paraíba. Instrução Técnica Executiva nº 34/DAF/2009. João Pessoa.

INGOLD, Tim. (2012). Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, 37, p. 25- 44.

INGOLD, Tim. (2013). *Making: anthropology, archaeology, art and architecture* Londres: Routledge.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu : Palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KRENAK, Ailton. "*O amanhã não está à venda*". Companhia das letras. Texto elaborado a partir de três entrevistas com Ailton Krenak, realizadas em abril de 2020:

BONET, Octavio. ITINERAÇÕES E MALHAS PARA PENSAR OS ITINERÁRIOS DE CUIDADO. A PROPÓSITO DE TIM INGOLD. Disponível em artigos • Sociol. Antropol. 4 (2) • Jul-Dec 2014 • <https://doi.org/10.1590/2238-38752014v422>.

OLIVEIRA, João Pacheco. Uma etnologia dos "índios misturados"?: Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). *A viagem da volta: Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2004. p. 13-42.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. *Ensaio em Antropologia Histórica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.

PEREIRA, Diogo N. (2008). *Itinerários terapêuticos entre pacientes do Hospital de Base (DF)* Dissertação de Mestrado em Antropologia SOCIAL, Universidade de Brasília.

PEIRANO, Mariza (org.). (2002). A análise antropológica dos rituais. In: *O dito e o feito. Ensaio de antropologia dos rituais* Rio de Janeiro: Relume Dumará, p. 17-40.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004.

RESENDE, Cristina da Conceição. *Toré: dança (re)existente no corpo indígena Tabajara da Paraíba*. Anais do VI Encontro Científico da Associação Nacional de Pesquisadores em Dança - ANDA. Salvador: ANDA, 2019. p. 1633-1638.

ROLNIK, S. *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

ROSÁRIO, N. M. Mitos e cartografias: novos olhares metodológicos na comunicação. In: A. E. MALDONADO; J. A. BONIN; N. M. ROSÁRIO (orgs.). *Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

SOUZA, Juscelino Silva de. *Tabajara andou na mata: Um estudo sobre o papel dos processos técnicos no fortalecimento da identidade indígena no Litoral Sul da Paraíba*. Trabalho de conclusão de curso. Rio Tinto, 2020.

TAVARES, Fátima. (2012). Experiência religiosa e agenciamentos eficazes. In: Tavares, Fátima & Bassi, Francesca (orgs.). *Para além da eficácia simbólica. Estudos em ritual, religião e saúde*. Salvador: EDUBA, p. 261- 282.

TURNER, Victor. (1974 [1969]). *O processo ritual: estrutura e anti-estrutura* Petrópolis: Vozes.

VAN GENNEP, Arnold. (1977 [1909]). *Os ritos de passagem* Petrópolis: Vozes.

VELHO, Otávio. (2001). De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. *Mana*, 7/2, p. 133-140.

REFERÊNCIAS DE MATERIAIS AUDIOVISUAIS

MANDIJU GUASU REKO. Direção: José Elizeche. Roteiro: José Elizeche. Paraguai: Grupo SUNU de Acción Intercultural, 2017. Online. (30min.), color. Disponível em: [Mandyju guasu reko](#)

FLECHA 1 - A SERPENTE E A CANOA: Direção artística, roteiro e pesquisa : Anna Dantes. Orientação e narração: Ailton Krenak, 2020. Online (16:17). Disponível em: [SELVAGEM ciclo de estudos sobre a vida](#)

DENTADA DE COBRA. Curta-metragem dirigido por Juscelino Tabajara, Diogo Augusto e Erickerson Gonçalves, em 2015. Publicado na I Mostra de filmes Arandu. Disponível <https://mostrarandu.blog/2020/08/23/dentada-de-cobra/>